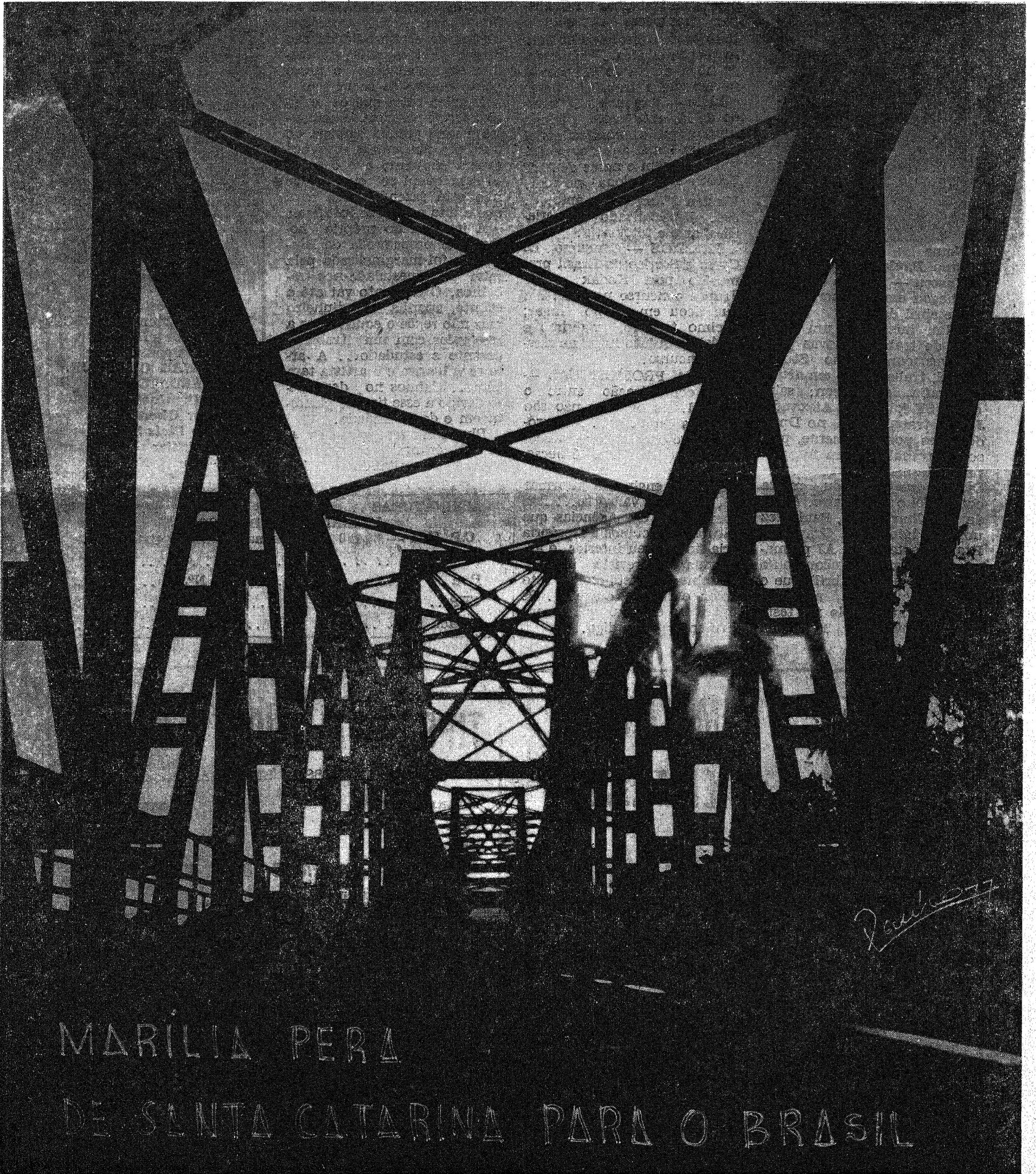


# ACADÊMICO

jornal catarinense de cultura

ANO IV • Nº. 35 \* JULHO DE 1978 BLUMENAU - SC • Cr\$ 5,00



MARÍLIA PERA

DE SANTA CATARINA PARA O BRASIL

# O ARTISTA DA CAPA



Nome  
**Enio Paulo Porcher**  
Nasceu — Erexim RS

Chegou em Blumenau em 18 de abril de 1976.

Em busca de um novo local de trabalho novas perspectivas, começou no Studio Fausel, trabalhando em arte e fotografia, silk-screen; saindo do SF foi para a Alexandre Jones trabalhando no Dpto. de Artes posteriormente, passou a trabalhar com fotografia juntamente com Mauro Seifert que ensinou muita coisa e foi o seu mestre. Antes de trabalhar na AJ, Paulo fez um estágio na Gravartex Dto. de artes. Na AJ permaneceu um ano,,, Encontrou o Geraldo (da Ed. Abril) que o encaminhou para a matriz em São Paulo onde fez teste e foi aprovado... Falta de

ambiente e sem amigos... Voltou foi trabalhar na Air France (promoção de vendas) dois meses fazendo algo de que não gostava... Posteriormente foi trabalhar na Clichepar três-meses aprendendo tudo sobre o processo de confecção de clichês... Recebendo nova oferta do SF passou novamente a trabalhar nesse estúdio — três meses... Saindo de lá, após esse período fundou junto com Gabriel Teixeira (capa anterior) o Estúdio que tem o nome de ART SHOP e funciona no Ed. Kirsten 3º andar — apto. . . 304. Especializado em criações, arte e fotografia.

**PRÊMIOS** — Concurso de Cores e Sorriso do Brasil promovido pela Kodak e Air France concurso nacional em que ficou em sétimo lugar, décimo terceiro, vigésimo e vigésimo quinto lugar no mesmo concurso.

**ÉTICA PROFISSIONAL** — Falta comunicação entre o pessoal. As opiniões não são sinceras (honestas). Não procuram se aperfeiçoar e desenvolver o que sabem, é necessário aparecerem pessoas de fora para ensinar e informar... O pessoal vai atrás... Isso sem contar em Agências que faturam concursos e a própria criação em seu interior é absorvida da revista inglesa: Graphis; a revista alemã: foto color, e muitas outras... Os outdoors estão aí para confirmar o que eu digo...

Anonimato do artista. O artista é esquecido e desprestigiado. Se você faz um bom trabalho, quem aparece são os "cabeças" isto é os diretores de STUDIOS porque Blumenau não tem nenhuma Agência de publicidade.

O que alivia ainda são as fotografias... Os trabalhos dignos de serem citados são dentro da fotografia; trabalhos de embalagens e nesse ponto muitas se saem bem.

A única coisa que os estúdios locais possuem semelhantes a uma grande agência de fora, é a burocracia... Você espera enquanto que o sujeito com quem se quer falar não está fazendo nada para que a dita espera se justifica...

A imagem do próprio homem de propaganda de Blumenau foi marginalizada pela falta de honestidade nos trabalhos. O elemento vai até o cliente, apanha o dinheiro mas não repõe o equivalente a esse valor com um trabalho decente e estudado... A arte se vulgariza e o artista também... Caimos no descrédito devido a esse tipo de picaretagem e desonestidade.

Blumenau tem gente capacitada, ótimos profissionais... O que está faltando então?

Falta uma união entre os publicitários... Um intercâmbio que poderia ser proveitoso, mas não existe devido ao individualismo e a pobleza de espírito de quem pode eventualmente fazer e mudar alguma coisa.

Eles criam uma burocracia para desenvolver uma ilusão de que tudo está funcionando perfeitamente... Então, você espera enquanto que a secretária telefona para o diretor para ver a possibilidade de você ser atendido... Esse AR de Agência grande é a paranoia dos publicitários medíocres que nós temos.

Atualmente está no departamento de Arte da Imprensa Paranaense.

## ACADÊMICO

### EXPEDIENTE

Caixa Postal 1124  
89.100 - Blumenau - SC

Diretor e Redator  
Responsável

**OLDEMAR OLSEN JR.**

REDATORES

Maria O. Onório Olsen.

Oldemar Olsen Jr.

Roberto Diniz Saut

Fred Richter

Domingos S. Nunes

ASSINATURAS . . . . . Cr\$ 60,00 . . . . . anuais  
JORNAL "O ACADÊMICO"

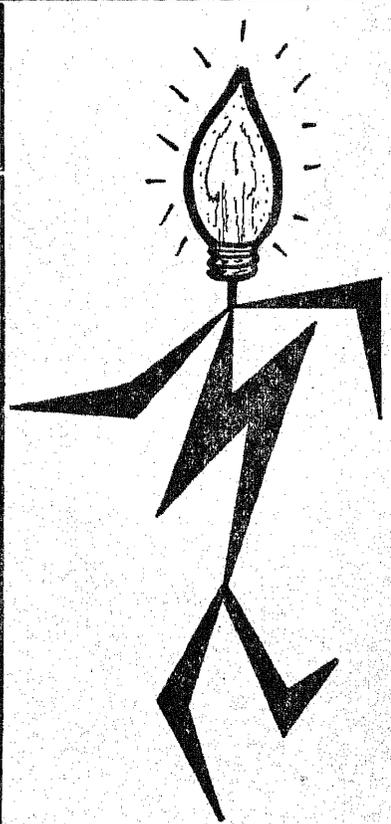
C.P. 1124 — 89.100 — Blumenau — Santa Catarina

Nome . . . . .

Rua . . . . . Nº . . . . .

CEP . . . . .

Cidade . . . . . Estado . . . . .



**MATERIAL ELÉTRICO**

**INSTALADORA BLUMENAU**

F: 22-1264

Rua XV de Novembro, 1409  
Rua 2 de Setembro, 3811

F: 22-4592

## TIPOGRAFIA LUCHETTA LTDA.

IMPRESSOS EM GERAL

---

**"ATENDEMOS BEM PARA ATENDER SEMPRE".**

**BLUMENAU:** Rua Floriano Peixoto, 200 — Anexo ao estacionamento Golden Star.

**ITAJAÍ:** Rua Hercílio Luz, 309 2º andar — Sala 8 - fone 44-0315

# Poetas catarinenses, uni-vos

Pode ser uma piada, mas é  
 uma piada sem graça...

Nós, os poetas, ambicionamos fragilizar esses corações duros que se nos ignoram o estar aqui; desejamos mostrar as mágoas engavetadas que nos fazem sofrer; queremos gritar todas as angústias que nos deixam tristes. precisamos libertar os sentimentos que nos oprimem; denunciar as fraudes que nos dão alento para ainda termos forças; os visionários que sofrem porque acreditam; os que tem fome porque são dependentes; os pobres de espírito porque carecem de apoio; os covardes que monopolizam porque te-

mem o assédio; os ricos de dúvidas porque continuam sendo necessários; os críticos porque não sabem; os falsos porque apenas tentam; os sábios porque fazem; os tolos porque se assombram; os incrédulos porque admiram; o povo porque dá condições, o ignóbil porque aplaude; o burguês porque observa; o oprimido porque sofre; os egoístas porque se bastam; os rebeldes porque estão insatisfeitos; os acomodados porque estão mortos e, finalmente, os poetas, porque sentem.

Fazemos parte do bizarro

cotidiano e por tudo o que não vemos, malditos somos...

Mas eu estou cansado de fazer parte do folclore social; estou cansado de calar quando tenho ímpetos de ular como um animal ferido; estou cansado de convocar apenas para que fiquem alertas; estou cansado de atender pedidos de socorro de quem está bem; estou cansado de ouvir: "tenha paciência"... [Estou cansado de ajudar quem não precisa de ajuda; estou cansado de esperar que a realidade se transforme; estou cansado de

ver barbaridades serem denunciadas para quem colabora com as injustiças... Por todos esses cansaços, estou cansado até de estar cansado.

Mas a fome que sinto não me deixa dormir... Essa insônia me transforma e, a cada sussurro desses ímpetos e, a cada sufoco desses sentimentos e, a cada crítica desse meu sentir, me fortaleço... Porque tenho consciência de que, nesses sussurros sufocados que sinto, está minha ÚLTIMA LIBERDADE!

## O PC no Estado de Santa Catarina

O PROJETO DA CONFRA-RIA surgiu da necessidade de se justificar o nosso próprio trabalho. Não basta mais deixá-lo simplesmente jogado em suplementos literários ou em qualquer outro pedaço de papel... Não é mais possível falar das angústias dos outros, da fome deles, da tristeza deles, das dores deles, das feridas sociais... Se nós somos o corpo mais mutilado dese necrológio social. Não há tempo para o gasto de energia com dissidências internas; é um desperdício nos dividirmos dentro de nossa própria casa. Estamos envelhecendo,

mas o nosso ódio às pessoas parece não arrefecer... Não ambiciono ser um candidato a demência precoce mas também não quero morrer de inanição espiritual ou apoplexia comodista. Urge uma reflexão consciente e estou aqui para isso. Quero desnudar meu interior (que não é de serpente alegres), mas sim, de leões furiosos...

Eu convoco para essa confraria, meu amigos: Maura de Senna Pereira, Lindolf Bell, Eulália Radke, Alcides Buss, Osmar Pisani, Aldo Schmitz, Wilmar de Souza, Beatriz Niemeyer, Artêmio Zanon, Ci-

rineu M. Cardoso, Carlos Danião, Pinheiro Neto, Pedro Bertolino, Juraci Carlini, Abel A. de Souza, Pedro A. Grisa, Luiz, Inês Mafra, Bráulio Schloegel, Celso Vicenzi, Dinaê dos Santos Gelhardt, Fred Richter, José Endoença Martins, Marcos Konder Reis, Maria Odete Olsen, José Roberto Rodrigues, Oldemar Olsen Jr., Roberto Diniz Saut, Wilson do Nascimento, Ricardo Hoffmann, Carlos Ronald e outros que ainda irei lembrar-me.

Foram gastas muitas vidas para se conquistar um lugar ao sol... Estamos no deser-

to brigando pelo sol quando nossa verdadeira luta deveria ser pela água. Eu sei que somos sub-desenvolvidos, pobres... Que nossas necessidades são materiais e não o contrário, mas acredito no conforto do espírito, no alimento da alma... E nós temos poucos fornecedores, por isso o deserto continua grande. A água que deveria ser a preocupação primeira está dispersa, esperando ser canalizada...

Nós, obreiros conscientes, não podemos esperar a enchente, mas é nosso dever provocar a chuva!

## Projeto confraria

COMO PARTICIPAR — Todos os poetas do Estado de Sta. Catarina estarão recebendo essa mesma circular na próxima semana. Essa Antologia será paga da seguinte forma: Cada autor deverá, juntamente com cinco poemas, biografia e um depoimento sobre o ofício de escrever, enviar a soma de Cr\$ 500,00 (quinhentos cruzeiros). As prestações, nesse mesmo valor serão em número de

quatro, pagáveis de 30 em 30 dias... Em outras palavras, cada autor participará com um total de Cr\$ 2.000,00 (dois mil cruzeiros) pagáveis em 120 dias.

Prazo de entrega dos trabalhos — Até o dia 30 de agosto de 1978.

Forma de pagamento — Vale postal em nome de Oldemar Olsen Jr.

Endereço — Caixa Postal 1124 - 89.100 - Blumenau - SC.

Nome do Livro — Outros Catarinenses Escrevem Assim...

PORQUÊ? — É uma forma de complementar o trabalho pioneiro da Editora Alfa-Omega ao lançar uma obra semelhante com ficcionistas catarinenses.

Urgência — Existe um cronograma a ser cumprido para que o livro saia ainda esse ano... O silêncio até a data última (30 de agosto) para o

recebimento dos poemas será visto como uma recusa em participar da obra antológica.

OBSERVAÇÃO — Se você aceitar fazer parte da obra, remeta-nos o que foi solicitado dentro do prazo estabelecido juntamente com essa folha assinada (que valerá como um termo de compromisso).

Oldemar Olsen Jr.  
 autor catarinense

Lojas Arapuã S.A.

Grupo Fenícia



**A FRENTE NACIONAL  
 DOS PREÇOS MINIMOS**

RUA XV DE NOVEMBRO - BLUMENAU SANTA CATARINA

# Marília Pera: de Santa

Pode parecer uma piada, e no fundo, é uma piada. Mas lá estava eu, "a reporter" às 19,40 hs. pronta para entrevistar a Marília Pêra, às 20 hs. Me dirigi ao palco, o cenário já estava pronto, às cadeiras vazias dentro da escuridão me aliamavam expectativa do que estava para acontecer.

Daí, no palco, as luzes se acenderam, e aquele vermelho intenso projetado, jogou na minha mente por alguns segundos, o significado de representar. Mas era somente o rapaz da técnica, testando as diversas tonalidades de luz que viria a usar na hora do espetáculo.

Passaram os minutos todos, quando ela apareceu. Me olhou, passou por mim, e foi direta postar-se em frente ao conjunto de luzes. Queria mais rosa na hora do nú.

Achou que no dia anterior, tinha aparecido muito pálida.

Depois me cumprimentou e a gente vai para o camarim.

E lá estamos. . . e lá estou eu com a Marília Pêra prá co-

mandar a seção. Comandar por alguns minutos um monstro do teatro brasileiro.

Monstro? Essa que eu observo e está diante de mim, agora de repente muito simpática, é uma mulher profundamente marcada pela vivência. Sem pintura, poderia até ser uma mulher comum de todo dia se não se chamasse Marília Pêra e não tivesse aqueles olhos tão grandes.

O que mais transpira nela, que eu senti, é a segurança de um completo domínio. Talvez o domínio que no dia da estréia deixou os blumenauenses que a foram ver, durante quinze minutos, sem ação. Marília Pêra, é a própria Dona Margarida.

Pois bem, a gente se apresentou, ou eu me apresentei. e comecei a entrevista:

— POIS BEM, MARIA ODETE.. (risos, é claro)

(entrevista concedida à Maria Odete O. Olsen)

— Exclusivo para o ACADÊMICO —

— Escuta Marília, o que é ser atriz para Você, antes de mais nada?

O que é ser atriz? Ser atriz para mim é uma coisa tão misturada com a vida, com o viver, porque é conviver mesmo a mulher e a atriz desde sempre... porque eu sou filha neta sobrinha de gente de teatro. Então, eu na barriga da minha mãe, a minha mãe traba-

**... A GENTE PASSAVA FOME, A GENTE PASSAVA NECESSIDADES E, APESAR DISSO, EU TINHA O MAIOR FASCÍNIO, PELA VIDA DO ATOR.**

lhava em teatro. Eu quando tinha dezoito dias, eu já ficava em camarins de teatro a minha mãe entrava em cena, e aos quatro anos eu estreei em teatro. Então ser atriz para mim é uma coisa muito misturada com a vida, porque não é uma profissão que um dia eu tenha resolvido — ah, eu gostaria de ser atriz, então vou lutar por isso, ou quero ser atriz porque quero dizer tais e tais coisas. Eu praticamente não... quer dizer, eu tive opções, mas, o fascínio pela vida da atriz foi muito forte durante toda a minha infância, apesar de, você vê que coisa engraçada, o meu pai e a minha mãe foram atores, e o meu tio e a minha avó, todas as pessoas foram atores muito sacrificados numa época em que a televisão não existia com essa força. O ator dependia só do teatro, dependia de companhias que eram estáveis ou não. O meu pai as vezes ficava contratado seis meses por ano, e os outros seis meses ele ficava sem emprego, a gente passava fome, a gente passava necessidade e, apesar disso, eu tinha maior fascínio, pela vida do ator.

— Quem eram teus pais

Meu pai era Manoel Pêra e a minha mãe era Dinora Marzulo — a minha mãe é viva ainda. Minha avó era Dinorá Antônia Marzulo. Meu tio Abel Pêra. Então, ser atriz prá mim é, essa vida meio insegura, meio na corda bamba, meio circo, meio cigano, meio saltimbanco, muito exibicionismo também, muito narcisismo, muita beleza, muitos, mui-

tos, vários momentos de grande emoção de grande encontro com as pessoas que vem ver a gente... é isso tudo.

— Qual foi a tua primeira peça?

Medéia.

— Mas ali tu tinhas cinco anos..

Quatro anos, é...

— Mas, eu digo depois, então...

qual foi assim, a primeira peça que você atuou mais..

— Depois eu fiz... eu fui bailarina muitos anos, eu fui pianista durante uns dez anos, depois fui ser bailarina. Como bailarina eu fiz uma peça, uma revista na praça Tiradente que se chamava "De Cabral a JK", onde eu atuava dançando; fiz "My fair Lady" também, dançando e fiz, várias companhias de revista musicais com Carlos Machado. Quando eu tinha dezoito anos eu fui a Portugal na companhia do André Vião e da Elza Gomes e do Ciro Costa fazendo "Society em Babydoll", "Espanta Gatos", "Divorciados", papéis razoáveis, não muito grandes. Eu considero assim a minha estréia profissional, com papel maior e tudo, foi em 1964, quando eu voltei de uma temporada no Chile, e fui fazer um teste no Teatro Carlos Gomes prá fazer um musical americano "Como Vencer na Vida Sem Fazer Força", e ganhei o teste. Eu considero assim uma estréia profissional, mas antes eu tinha feito circo, fiz muitas coisas antes.

— Qual o autor que mais te realizou como atriz?

Autor nacional?

— É, eu não sei.. acho que é em geral nacional ou internacional..

Ah, eu não sei. Entre os autores nacionais, eu posso citar o Bráulio Pedro só com quem eu fiz "A Vida Escrachada de Joana Martini e Baby Stompanato" que era uma revista, muito boa. A Leilah Assunção com quem eu fiz "Fala Baixo Senão Eu Grito", que era um grande texto, na época uma grande tirada, um texto feminista no bom sentido, não... feminino sabe? E o Roberto Athayde, que é o autor da "Margarida", que é uma maravilha.

— E qual o trabalho que mais te consagrou perante o público?

Olha, qualquer um desses tres que eu falei... A Mariazinha do Fala Baixo,

a Joana Martini, a Margarida, a Catarina da Megera Domada de Schakespeare eu fiz também, a Polly da Ópera dos Tres Vinténs do Brecht... e, tantos.. ah, eu fiz ano passado uma peça chamada Exercício, uma peça americana de Lewis John Carlino e a mulher na peça eu coloquei o nome de Marília mesmo. E essa mulher que eu fiz no Exercício, eu também adorava fazer...

É, você fez com Gracindo..

Com o Gracindo Júnior. A gente mudou os nomes para os nossos nomes mesmo. Para ver uma mistura, uma confusão mesmo, prá misturar vida e arte.

— E você concorda com o grande Otelo, quando ele diz que todo brasileiro é um ator nato?

Eu sei lá, isso é muito complexo né? Porque, como a gente não... como até agora não ficou bem definida essa história da regulamentação da profissão do ator, não sei se ele quis dizer com isso que todo brasileiro se acha um ator nato, assim como todo brasileiro acha que joga muito bem futebol, né? Agora, entrar em campo e jogar... subir no palco e fazer... a diferença é muito grande

— Dá para você explicar processo de criação no ator?

Eu não tenho muita consciência, não. Eu já faço teatro... eu já tenho 35 anos, eu já faço teatro a 31 anos. E não é que eu tenha consciência, eu procuro não conscientizar demais o meu trabalho, o meu processo de criação. Eu

**... ENTRAR NO CAMPO E JOGAR... SUBIR NO PALCO E FAZER ... A DIFERENÇA É MUITO GRANDE.**

procuro mergulhar de cabeça emocionalmente, no começo dos ensaios, digamos assim. Isso quando eu tenho um diretor e um grupo. Quando eu tenho um grupo, quando estou num grupo, onde eu me sinto a vontade, confiante, bem, feliz... eu entro de cabeça na emoção, eu vou inteira na emoção, o que a minha emoção mandar eu faço. Quer dizer, não é isso que eu vou fazer no palco,

# Catarina para o Brasil

quando a peça estréia, por que senão é uma coisa sem técnica nenhuma. Mas depois que eu embarco na emoção, aí eu começo a filtrar essa emoção, começo a racionalizar; mas não racionalizar a ponto de teorizar a respeito, não. Eu começo a organizar a emoção na minha cabeça, no meu coração, e procuro encontrar o equilíbrio entre o máximo de emoção e o máximo de técnica.

— E o que você poderia dizer do nível da dramaturgia brasileira atualmente?

Nós estamos muito sufocados, todo mundo muito estrangulado pelo problema de censura.

Eu acho que a história, a história, do Brasil nesses últimos tempos, não sei se tem sido escrita para o teatro, mas se tem, não tem sido mostrada. Eu espero que as pessoas estejam escrevendo, que estas coisas estejam engavetadas, e que um dia a gente tenha um documento teatral à respeito da nossa história no momento, que no momento que a gente não está podendo ver. Se bem que, quando há uma pequena abertura, uma pequena oportunidade, a dramaturgia brasileira vai muito bem. Eu acho a MARGARIDA um grande texto. Eu acho que a Leilah Assunção é uma grande autora. O Bivar fez coisas importantes já: O Flávio Márcio que fez o Reveillon. Há muito bons autores, a Consuelo de Castro, essas pessoas se sentem muito castradas, muito medrosas e muito auto censuradas. Mas há muito talento.

— Existe uma distinção entre ator de tv e de teatro, em termos de participação ou omissão, diante de uma série de coisas?

Olha, hoje em dia está tudo muito misturado. É muito raro você ver um ator de teatro que não faça televisão. Eu acho que lá no Rio então, no momento, só a Fernanda Montenegro não faz televisão, e eu. Porque todos os outros atores fazem novela de uma maneira. E dentro da televisão, você não pode chamar de omissões pessoas como o Lima Duarte, Juca de Oliveira, Dina Sfat, Tereza Raquel, não? Porque há diferença sim, entre a televisão e o teatro para o ator; é que eu acho que a televisão tira muito a criatividade do ator. Porque ela

**... ESSAS PESSOAS SE SENTEM MUITO CASTRADAS, MUITO MEDROSAS E MUITO AUTO CENSURADA. MAS HÁ MUITO TALENTO**

suga, ela consome muito rapidamente, tudo o que o ator tem para dar. Você em cinco capítulos de uma novela, você joga todo o seu sangue ali, que vai para milhões de pessoas de todo o Brasil, o seu sangue inteirinho. Depois tudo o que resta da novela, aqueles meses todos em que fica aquele rame-rame, é pele e osso. Então eu tomo um certo cuidado,

porque eu me considero assim, muito frágil, eu não tenho muita estrutura para ficar fazendo muito tempo televisão, e aguentar um trabalho bom, eu acho que ninguém tem. Quem fica fazendo muito seguidamente televisão, acaba se desgastando mesmo.

— Você acha então, que foi isso que aconteceu com a Regina Duarte?

Mas ela está saindo muito inteligentemente disso, agora. Eu não acho que isso aconteceu com a Regina Duarte, pelo seguinte, a Regina, é uma atriz principalmente de televisão. Eu acho que a Regina é muito melhor na televisão, que no teatro. Acontece isso. Como por exemplo, há atores que são fantásticos no cinema e não são bons em teatro. Existem atores, que são característicos. Eu tenho a impressão que Paulo Autran, que é muito bom ator, eu tenho a impressão que ele não faria muito bem novela, tanto que ele não faz. A Regina é uma atriz principalmente de televisão. Aquela cara bonita que ela tem, aquela covinha, o narizinho, ela é tão bonitinha; eu acho que no palco ela é ótima também, mas ela perde muito da televisão para o palco. Eu acho que ela fez um ótimo trabalho na televisão, e que agora ela está começando a semear um trabalho em teatro. Ela não está desgastada não.

— E entre os atores e atrizes agora, já reina felicidade geral com a regulamentação da profissão do artista?

Não você sabe que o artista é sempre um questionador, um inquieto. Reinar a felicidade geral, não tem nada a ver com o artista, ainda mais no Brasil. Então há alguns itens na regulamentação, parece que ela vai sair assim, e todos os artistas de um modo geral, estão muito contentes que finalmente ela vai sair depois de 40 anos; principalmente eu que sou de uma família de atores. Meu pai não conseguiu provar que era ator, aos 73 anos de idade, depois de ter feito 50 e tantos anos de teatro. Então eu acho muito louvável que tenha saído a regulamentação, mas eu acho que essa regulamentação tem que ser repensada. Há alguns itens por exemplo que falam de moral, que não podem constar na regulamentação da profissão do ator. Um item que diz — que o artista não será obrigado a fazer nenhum papel que o degrade moralmente. Isso é uma regulamentação de censura, não é uma regulamentação da profissão de ator. Eu estava conversando isso outro dia com a Fernanda e o Fernando, eles aliás que me mostraram esse item. E outra coisa também que eu acho que tem de ser repensada, eu acho que a regulamentação tem de ser uma para o ator de televisão e uma para o autor de teatro ou teatro e cinema... não sei se para cada setor ou prá rádio, não sei. Eu acho que é importante que ela tenha saído, e que a partir dessa é importante que a gente tenha de repensar e fazer outras.

— E você teve alguma participação direta na luta por este direito?

É, reuniões, debates como todo mundo.

Marília, quem é a Margarida de Roberto Atayde?

A dele eu não sei... Eu sei da minha, né?

A dele poder ser uma. Eu acho que cada pessoa que vê a MARGARIDA, leva para casa a sua.

A minha são várias também. A cada dia eu posso apresentar uma diferente. A cada dia que a energia do público vier de um jeito pra cima de mim, eu mando uma MARGARIDA prá cima das pessoas, entende? Então eu tenho várias possibilidades, você vai ver a peça, Dona Margarida fala em muitas possibilidades e você vai ver que ela tem bilhões de possibilidades. Ela pode ser encarada de várias maneiras. Ela é uma professora do quinto ano primário, que está na sua sala de aula, que vai dar aula à seus alunos que são as pessoas que vem assistir ao espetáculo, que ela trata como crianças da quinta série primária. Isso é a síntese assim. Prá mim ela representa todas as formas caricaturais de poder, opressão e repressão. Mas essas formas caricaturais são mostradas também

**QUEM FICA FAZENDO MUITO SEGUIDAMENTE TELEVISÃO, ACABA SE DESGASTANDO MESMO.**

com muito encanto, com muita beleza, com muito humor e com muita crueldade também. Então, ela é uma personagem fascinante, porque ela dá um medo incrível, ela inspira terror, ela inspira pena, ela inspira afeto, ternura... acho que ela se torna atraente, deslumbrante às vezes... ela mesma diz: DONA MARGARIDA É TUDO. O que você quiser.

— E qual é a reação do público?

Depende. Depende muito. Depende de dia prá dia. Depende de seção prá seção. De cidade prá cidade, então, loucamente.

— Como foi a reação aqui em Blumenau?

Aqui ontem, nos primeiros quinze minutos ouve um susto, porque ela é obscena, é pornográfica, as pessoas levam aquele susto inicial. Em alguns lugares as pessoas logo riem. Mas em outros como foi aqui em Blumenau na estréia, houve uns quinze minutos de silêncio absoluto. De constrangimento. Quinze minutos depois, as pessoas começaram a rir. Mas aí começaram a rir de palavrão, por exemplo. E de coisas mais sacanas. Mas certas sutilezas do texto que eu acho engraçadíssimas, as pessoas não riram. Mas muda muito, sabe? Hoje, pode ser de outra maneira. E amanhã, pode ser de outra maneira. Em Porto Alegre, a gente fez duas seções, e o público da primeira, era completamente diferente do público da segunda. Dona MARGARIDA inspira as mais incríveis reações.

— Você fez quantos filmes?

Fiz só seis filmes. Fiz pouco cine-

**... ACHO QUE A "BARRA" DO NEGRO É MAIS PESADA DO QUE A DA MULHER... PORQUE O PRECONCEITO RACIAL É MAIS FORTE DO QUE O "MACHISMO".**

ma. Agora no Rio, acabei de filmar uma peça que foi levada a dois anos no Rio-São Paulo, Desgraças de uma criança. É uma comédia. Uma comédia de Martins Pena. Então Antônio Pedro que é um diretor de teatro, fez uma readaptação livre sobre o texto. Fez uma comédia muito sacana, muito picante, muito engraçada. Prá teatro. Ele se uniu... mas eu não fiz em teatro, não. Foi a Camila Amado. Que fez o papel que eu fiz no filme. Agora prá cinema numa nova adaptação do texto, com roteiro cinematográfico e também musical, nós passamos a chamar então de pornô opereta; porque é um filme bem pornográfico, mas é um pornográfico engraçadíssimo. Não é pornochanchada, não. Não sei. Não é pornochanchada porque não é filme vagabundo. É um filme muito engraçado. É um filme de ator, completamente de ator. Tanto que no final a gente vai fazendo a idéia da cair pano de boca, fechar um pano de boca no final. Porque são sempre atores só que trabalham... São o Nei Latorraca, Antônio Pedro, o próprio Antônio Pedro, a Tesse Callado, Lafaete Galvão e eu. Então, nós improvisamos o que quisemos no filme. Foi um trabalho muito bom. Não sabemos o resultado qual será. Mas fazer foi muito bom. Deve sair por agosto, setembro. Eu fiz em 75 o Rei da Noite, uma história muito bonita. Uma história sobre São Paulo, um tangão, São Paulo de 1920, 30, por aí. E antes eu fiz dois filmes, que eu nem fui ver, que eu odiei, é Simonal e o Donzelo com o Flávio Migliacio, não vi nenhum dos dois. E o primeiro filme que eu fiz, foi em 67, foi O Homem que encontrou o Mundo, que era um bom filme, mas muito adiantado para essa época. Ele atualmente passa na televisão, as pessoas gostam...

— **É esse filme que você fez com o Paulo José..**

É o Rei da Noite.

— **Marília, em quantas peças você já apareceu nua?**

Nua? Nua mesmo, só nessa peça O Exercício, nua, totalmente nua. No Rei da Noite eu apareço nua só da cintura prá cima e aqui na peça eu apareço somente de calcinha, só com os seios de fora.

— **E qual a sensação de estar nua diante de uma platéia, diante de câmaras?**

No filme eu achei que foi mais difícil porque eu tinha uma cena de amor com o Paulo José e ele ficava deitado na cama doente, eu tinha que ir por cima dele, eu tinha de comandar a ação. Era uma cena muito triste, assim. Não era uma cena de sexo gostoso. Não, era um sexo doloroso, doente. Então, foi mais difícil, foi muito difícil de fazer. Eu me sentia constrangida. Se bem que o Hector era um diretor muito delicado, muito sensível, ele pediu que as pessoas saíssem, ficou só ele, o câmara, o Paulo e eu. E a cena resultou linda, a cena é muito bonita, sabe... Você tem foto aí... Quando foi agora no Exercício, nós achávamos que o final da peça deveria ser, Eu e o Graciliano trabalhávamos

em malha e nós falávamos durante o espetáculo em desnudar, em tirar as máscaras e nos mostrarmos como estávamos sentindo no dia em que o espetáculo acontecesse, então a gente achava... Só havia o final, que era a nudez total... A tirada total de toda roupa... E parados nós no meio do palco. Essa nudez é muito difícil porque é uma nudez sem nenhum atrativo, sem nenhum charme; você fica parado, parado mesmo nú. Então a gente estava com um certo problema para fazer e o Klaus, que é o Klaus Vianna que foi diretor do Exercício... Ele nos fez o seguinte exercício, eu ficava parada de malha, o Gracilo tirava toda a minha roupa; eu ficava de olhos fechados e ele tirava toda a minha roupa e ele podia me olhar de que ângulo ele quisesse... Depois ele me vestia toda. Depois eu tirava toda a roupa dele e podia olhar ele como eu quisesse. Quer dizer, dá um certo frio na espinha assim esse tipo de coisa; mas porque a gente tem muito preconceito com o corpo da gente, a gente tem muito medo com o corpo da gente. A gente se acha feia; se acha velha, porque não fica assim e assado, porque é amoral e Deus e os filhos e os pais e a família, né... Tem todas essas coisas horrorosas é, cobrindo o corpo da gente, no bom sentido. Então, depois que eu fiz esse exercício de ficar nua em cena eu achei muito bonito, achei que me fez muito bem, eu perdi uma porção de grilos com esse meu corpo, eu tinha mil grilos, de perna, de peito, de cintura, disso daquilo, eu perdi, porque é o meu corpo, entendeu.

Aqui, quando foi para fazer a Margarida, eu pedi ao Adebald que tivesse nudez no espetáculo... Não sei porque, talvez para me exibir, por exibicionismo mesmo... Ah! esse filme que eu fiz, como eu faço uma ama de leite, eu apareço várias vezes com o peito de fora.

— **Marília, esse trabalho de atriz, de aparecer nua, marginaliza a mulher?**

Não penso nisso não. Não me preocupo com esse tipo de coisa. Atualmente, quando o pano abre e eu estou nua, me corre ligeiramente um suor em baixo do braço, há uma certa tensão ainda. Mas, passada essas gotas de suor, é outra vez estar nua, entendeu, é um prazer. Se me degrada como mulher, então o problema é unicamente das pessoas e não é meu.

— **Existe para você, assim, um ator preferido para trabalhar, que você se entrosa perfeitamente em cena?**

Chico Galvão é um. Que faz aqui o aluno. Nós temos um entrosamento perfeito. O Marco Nanini, com quem eu trabalhei várias vezes. O Paulo José, foi bom trabalhar com ele. O Carlos Vereza, Francisco Cuoco em novela... Agora, o Paulo Goulart... Agora, esses filmes que eu fiz, os quatro atores com quem trabalhei: o Nei Latorraca, o Antônio Pereira, Décio Lafayette... Foi uma convivência muito bonita, muito gostosa... Há várias pessoas com que é muito bom trabalhar.

— **Você concorda com a afirmação de John Lennon, de que "a mulher é o negro do mundo"?**

É o negro do mundo, isso quer dizer o que?

— **Não sei, talvez, que a mulher e o negro estejam em uma situação idêntica de marginalização, de participação..**

Não sei, mas acho que a "barra" do negro é mais pesada do que a da mulher... Porque eu acho que o preconceito racial é mais forte do que o "machismo". No Brasil, eu acho, você não acha não?

— **Bem, eu acho que no Brasil, a mulher não faz muita questão de participar mesmo. Pelo menos é o que a gente vê assim na Universidade.**

É. Eu me acho uma mulher muito participante por causa do meu trabalho. Eu não posso nem me imaginar uma mulher quieta em casa, acomodada... Eu faço isso também; mas só fazendo isso, não posso me imaginar. Agora, eu tenho impressão que a mulher tem mais saídas de que o negro. Quer dizer, eu acho que a mulher tem saídas mais pacíficas e inteligentes, do que o negro, por exemplo. Eu acho que ao negro só resta umas certas soluções mais violentas. Eu acho que para a mulher é mais fácil sair dessa.

— **Agora para encerrar, é uma necessidade vital para você fazer teatro?**

É. Porque eu não gosto de carregar bandeiras, apontar caminhos para as pessoas. Acho muito pretenciosas essas formas de fazer teatro. Mas me encanta muito o fato de eu poder ser eu e mais muitos eus... Entendeu! Um ator tem muitos eus e, conforme ele vai fazendo mais personagens e mais personagens, ele vai tendo mil facetas... Porque cada personagem vai deixando a sua marca... E deixa mesmo. Cada grande texto que o autor interpreta, aquilo fica escrito no coração do ator... Na memória do ator. Então, eu acho uma profissão divina. Eu não costumo me esticar. Não é nesse sentido, mas eu acho uma profissão divina. Eu acho que eu tenho a minha vida e milhares de outras vidas. Eu, às vezes, posso escolher, no momento que eu saio de casa que vida vou querer interpretar naquele dia, se eu quiser, entendeu. E não é dizer que quando eu estou interpretando que não sou eu Marília que fiz todas aquelas coisas dos diversos personagens que interpretei...

— **Fuga**

Não, eu acho que é um acréscimo. Eu acho que é um acréscimo porque o que é EU... O que é isso, EU... Eu sou de mil maneiras. Você vai ver a Margarida e você na Margarida, vai ver uma Margarida com mil facetas.

Essas mil facetas existem em mim, Marília, que sou eu que faço ela. Existem em mim; então, são mil EUS. Eu falo com o "Nelsinho"... A gente fala "eu sou mais EUS do que você"... (risos)...

— **Marília, tens mais alguma coisa a acrescentar?**

Não, e você tem mais alguma coisa para perguntar.

— **Não, era só isso o que eu queria saber.**

Está OK!

# INFORMAÇÕES

## TEXTOS TEATRAIS CATARINENSES

Estou participando do projeto Bolsa-Arte, através da S.A.A. com a função de coletar textos teatrais com **Temas Catarinenses** (qualquer gênero é válido).

Pela presente correspondência, solicito a V.S. comunicar aos universitários, a elaboração desta II antologia de textos teatrais catarinenses, sen-

do que os textos que V. S. conseguir deverão ser enviados a Sessão de Atividades Artísticas (S.A.A.) da UFSC, datilografados (1 via, mais a biografia do autor).

Coloco-me a disposição dos escritores que desejarem maiores informações, informando ainda que os melhores textos serão apresentados sob a for-

ma de leitura dramática aos estudantes pelo Grupo Pesquisa Teatro Novo da UFSC.

Todos os textos, desde que com temas catarinenses, participarão da coletânea que será enviada posteriormente às Fundações Educacionais do Estado.

Na certeza de que contarei com a vossa colaboração

meus agradecimentos.

**Domingos Belli Fossari**  
Florianópolis 2.05.78

Endereço para correspondência Domingos Belli Fossari II Coletânea de Textos Teatrais Catarinenses — Seção de Atividades Artísticas — Campus Universitário UFSC Trindade Florianópolis.

## O teatro em Blumenau (II) Edith Kormann

Em 1880, a enchente destruiu grande parte dos cenários e livros pertencentes à Sociedade Teatral. A primeira apresentação pública da Sociedade Teatral foi no dia 18 de abril de 1885, com duas peças em um ato -- "Der Gefangene" de Kotzebue e "Heimlich". Na mesma noite a Sociedade Teatral recebeu o nome de "FROHSINN", funcionando como padrinhos a Sra. Odebrecht e o Sr. Victor Gaertner. Em 1894 foi lançada a idéia de construir um Clube para funcionarem em conjunto as sociedades: "FROHSINN" e "ATIRADORES"; desentendimentos impediram que a idéia se concretizasse.

A Sociedade Teatral "FROHSINN" resolveu então construir o seu próprio teatro, adquirindo o terreno da firma Meyer & Spierling onde funcionou a fábrica de conservas do Sr. Asseburg e que pouco antes fôra destruída por um incêndio. O terreno adquirido era na antiga Rua das Palmeiras, hoje Alameda Duque de Caxias (onde funciona a

CELESC). A última apresentação do Grupo Teatral na Sociedade dos Atiradores foi à 16 de fevereiro de 1895 com a peça de Moser -- "Último". O Grupo Teatral construiu o seu teatro com dinheiro emprestado, e no dia 26 de outubro de 1895 inauguraram o teatro com a peça de Laufs -- "Ein toller Einfall" ou seja, em português, -- "Uma idéia maluca". O teatro ficou pronto em princípios de 1896, sendo construtor do mesmo, o Sr. Roenicke. Em 1900 faleceu a fundadora e impulsionadora da arte teatral em Blumenau, Sra. Rose Gaertner. Apesar do falecimento da fundadora o Grupo Teatral "FROHSINN" não esmoreceu, encenando anualmente três e até quatro e mais peças teatrais. O teatro "FROHSINN" foi o centro irradiador da cultura teatral da região, atraindo grupos e companhias de outros pontos do país e até do exterior. Com o falecimento da Sra. Rose Gaertner, foi eleito presidente da Sociedade Teatral o Sr. Gustavo Salinger, cargo que ocupou até 1917, quando se retirou devido

a avançada idade. Else, filha de Rose Gaertner, substituiu a mãe em tudo o que se referisse à encenação de peças teatrais. Em 1910 a Sociedade Teatral "FROHSINN" deveria festejar o seu jubileu de prata o que não ocorreu devido a morte do Sr. Paul Schwarzer e Sra. Mina Hering, e também devido a ausência do sr. Gustavo Salinger que estava na Europa em tratamento de saúde. Com o afastamento do Sr. Gustavo Salinger, assumiu a presidência a Sra. Nany Poetting, que convocou uma assembléia na qual foi eleito presidente o Sr. Augusto Ziltlow, que exerceu o cargo por 23 anos. A diretoria eleita era integrada pelos seguintes elementos: Augusto Ziltlow, presidente; Otto Rohkohl, secretário; Rudi Klein, tesoureiro; Nany Poetting, diretora; Maria Lungershausen, decoradora. De 1914 até 1920 em face da proibição do idioma alemão devido ao primeiro conflito mundial, não houve apresentação. Em 1920 faleceu o Sr. Gustavo Salinger.

Continua...

### ESCRITA

REVISTA MENSAL DE LITERATURA  
Rua Monte Alegre, 1434  
05.014 — São Paulo — (SP)

### FICÇÃO

HISTÓRIAS PARA O PRAZER DA LEITURA.  
Rua Itamonte, 58  
Rio de Janeiro (RJ) — 20.000.



# FINASC

Somando recursos para multiplicar benefícios

# A destruição ecológica do oeste catarinense

Marcos Bedin

Há seis meses, uma causticante seca está grassando no Oeste catarinense. A ocasião está sendo aproveitada para lembrar a lamentável situação ecológica em que se encontra o Brasil, e o insuportável estágio de agressão à natureza, a que chegamos.

Na verdade, o Brasil caracteriza-se por ser um país onde a natureza vem sofrendo as consequências de uma falta total de consciência, por parte do povo, das autoridades e dos trabalhadores.

A destruição das áreas verdes, a matança irracional da fauna, a poluição do ar e da água, a falta absoluta de controle dos recursos naturais e a pouca atenção dada ao assunto, são as linhas mestras de um denegrido quadro que estamos pintando.

Senão, vejamos algumas previsões feitas pelos ecólogos: o Nordeste brasileiro é uma área prestes a se tornar um deserto; a Amazônia poderá se transformar em uma região quente e inabitável; o Pantanal Matogrossense poderá tornar-se um cerrado estéril; a erosão provocará o desaparecimento das terras férteis do Norte paranaense; a Serra do Mar poderá ruir e São Paulo será asfixiada por gases venenosos. A previsão é lógica e científica, a partir das constatações do mau aproveitamento que temos feito da natureza.

Estamos sentindo os devastadores resultados de nossa própria ação no meio ambiente e as soluções exigem rápida aplicação prática. Torna-se mister que haja imediata e correta reorganização de nossos métodos de aproveitamento dos recursos naturais.

No Oeste catarinense a situação é idêntica. A ação devastadora das serrarias, à exemplo do que aconteceu em todo Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Rio Grande do Sul, deixou triste saldo aos oestinos. Pior que isso, é a

verificação de que as queimadas criminosas prosseguem impunemente, a caça à todos os integrantes da fauna silvestre não foi freiada e a pesca continua até em época de procriação, ocasionando a destruição das espécies e impedindo sua multiplicação.

No ano passado, em visita à Chapecó, o Delegado Regional do IBDF, engenheiro agrônomo Gilberto Primo Scheffer afirmou taxativamente que o "Oeste está ficando careca". Ele acrescentou: "Conheço a região há bastante tempo e, comparando-a com situação de alguns anos atrás, fico apreensivo ao ver a rapidez com que as florestas estão sendo destruídas, sem nenhum respeito".

Na verdade, a manifestação do representante do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal trazia em seu bojo nada mais que uma constatação já feita por outros técnicos, mas nunca tornada pública.

As últimas ocorrências de caráter climatológico avaliam a importância do problema. A solapação da regularidade do inverno, verão, outono e primavera, atesta o fato de que o equilíbrio ecológico está sendo definhado aos poucos. Os agricultores do Oeste sofreram pesadas perdas com o calor extemporâneo verificado e continuarão a sofrer enquanto não lhes for inculcido o respeito para com a natureza.

De cada crime que o homem pratica contra a natureza, o revido se faz sentir com maior violência. Há necessidade de reanalisarmos nossas atitudes e criarmos uma consciência nacional de compreensão para o assunto. Em contrário, ele jamais será equacionado.

Quando colocamos abaixo uma floresta, não estamos apenas massacrando os animais e lhes tirando o habitat e fontes alimentícias. Estamos assinando nossa própria de-

claração de morte. A partir daí haverá enchentes e secas, pois não existirá mais a presença da flora para regular as precipitações e impedir a erosão. O vento iniciará seu efeito erosivo, pois a terra não terá mais a proteção das árvores. A chuva agirá de igual forma. Além disso, os rios secarão porque as correntes subterrâneas não serão mais alimentadas.

Em consequência, a navegação fluvial será paralizada. A região, outrora rica e hospitaleira transformar-se-á num deserto estéril e inóspito.

Por outro lado, o clima ficará mais quente pela ausência do oxigênio antes liberado pelas plantas, o clima se modificará negativamente e tornará a região mais quente pela presença maior de gás carbônico. As águas pluviais não penetrarão na terra, pois a camada de matéria orgânica que a cobre — o húmus — será destituída.

Esta situação, se bem que em intensidade relativamente menor, se registra no Oeste, causando prejuízos à economia. É o equilíbrio ecológico sendo rompido à ferro e fogo, é a ignorância prevalecendo sobre o bom senso, é a falta de órgãos especializados para orientar as classes rurais, é a total falta de espírito humanitário, é o criador de gado derubando a mata para seus rebanhos ocuparem lugar, é uma rica região sofrendo um paulatino processo de depauperação.

A afirmação do delegado do IBDF, Gilberto Scheffer, é corroborada pelo viajante que parte de Florianópolis e atravessa todo o Estado. A imagem é uma só: a carência de áreas verdes. No Oeste, o panorama não muda. Percorrendo toda a região, até São Miguel do Oeste e Dionísio Cerqueira, o viajante não terá muito para apreciar.

Em contrapartida, prosseguem as repudiadas queima-

das, esterilizando o solo e formando uma camada compacta que impede a penetração das águas pluviais.

Chegando ao extremo de nos decidirmos: ou defendemos nossa fauna e nossa flora ou elas desaparecerão para sempre. Uma variada gama de espécies de animais silvestres, abundantemente encontrados na região, hoje estão em vias de extinção, satisfazendo as pretensões desenfreadas dos caçadores, dos predadores. O controle da caça tem se mostrado inepto, embora tenha diminuído de intensidade.

Inegável se tornou que a legislação específica de preservação dos recursos naturais não surtiu os efeitos esperados. Ela carece de infraestrutura, não dispõe de elementos de fiscalização, não tem valia e é completamente ineficaz.

Precisamos, antes de tudo, tomar consciência da realidade brasileira e do risco que corremos para preservar o que ainda existe e para restaurar o que perdemos. Ressalte-se, entretanto, que muitas dessas perdas são irreversíveis, não havendo mais condições de sanar os males causados à natureza.

A introdução da disciplina de ecologia nos currículos escolares, visando construir nas classes estudantis sentimentos de respeito à natureza, certamente será medida de grande alcance social e indiretamente, de grande alcance científico.

As campanhas ecológicas, a partir daí, teriam maior repercussão. Paralelamente, o exercício constante da fiscalização nas áreas agrícolas e a adoção imediata de medidas pró-natureza, aliada a um maciço investimento de tecnologia e recursos humanos, constituir-se-ão em dispositivos para fazer frente ao problema e abrir novas perspectivas para uma solução a médio prazo.

**POLICHEPAR**  
Fotofitas, Clichês,  
Desenhos, Composições,  
e Fotocomposições.  
Rua Arin, Schreder, 100 (lado p. BR 101)  
Fone (0473) 22-2894  
Blumenau - SC

# CADERNINO ESPECIAL

O mínimo que se pode fazer é conhecer-se o que se faz (O.O.J.)

## Barco-vida

Domingos Sávio Nunes

Quando o barqueiro,  
não por estar cansado de remar, sua profissão,  
mas pelo tédio  
emprestado a ele pela estupidez de remar,  
depôs o remo,  
seu barco deslizou por pura inércia.  
A indiferença se solidificou em seus olhos,  
seca e morna indiferença ao movimento em si,  
em qualquer sentido;  
indiferença ao estar e não estar  
em qualquer lugar;  
indiferença até com as comparações,  
frequentes em toda sua vida de gondoleiro.  
Quisera ele um dia ter saltado para fora,  
para a margem, onde pudesse achar alguém  
que pelo menos não fosse remador...  
e nunca o fez, e foi melhor assim  
(pois não há margem, nunca houve  
nem mesmo quem não foi barqueiro).  
Convencido agora  
da inutilidade de qualquer esforço,  
posto que prossegue sem fazê-los,  
apenas observa muitas vezes o sol  
nascer, se por, nascer...  
Seus companheiros,  
camaradas da direita e da esquerda,  
já tem os braços musculosos do exercício  
inútil e cada vez mais frenético,  
e o andamento é igual prá todos.  
Cenário igual todos os dias,  
mas só ele sabe:  
ultrapassada a planície chegarão ao Mar;  
lá todas as vidas tem seus limites desfeitos,  
lá tudo se degenera,  
tudo se perde e se encontra prá formar o grande  
[um.

## Profecia de Natal

Teresinka Pereira  
Colorado — USA

Quando já não te vejo nesta volúvel cidade  
e minha voz por teu amor faz crescer o curto  
[instante  
trabalho as profecias como Sibila louca  
e espero o Natal com uma calma imóvel.  
Nossa páscoa é uma simples entrevista  
porque erramos à dor do tempo.  
Que será de minha vida neste dezembro frio  
se em minha porta só tocarão os ventos furiosos  
e nunca mais o rumor de teus passos  
acariciará minhas noites e tornará mais suaves as  
manhãs?

Dezembro, 1977

## Revolução agora

Oldemar Olsen Jr.

Prezo muito as sensações e seus efeitos  
Em todos os nossos próprios sentidos,  
Por isso, ousei esquecer os tecidos,  
Para reformular alguns conceitos.  
Até mesmo os maiores preconceitos,  
Devem ser por uma razão ouvidos,  
Porque nem sempre os maiores vagidos  
Impõem-se com os plausíveis respeitos.  
Privado até do direito do voto  
— Que teve sua origem na velha Atenas —  
Sem, estou perplexo como um devoto  
Imaginando ainda ver prescrita,  
Entre certas coisas muito pequenas,  
Essa, que é a liberdade de escrita!

## Noite sem mistério

José Roberto Rodrigues

A noite envelheceu  
ou somente eu?  
Os amigos ficaram longe  
numa outra cidade  
(Nesta noite parecem  
estar do outro lado  
do mundo, longe, tão longe...)  
As amadas amigas,  
vestais noturnas,  
partiram para sempre,  
seus rostos cobertos  
de rouge escorrendo,

seus olhos brilhantes,  
de rimel e lágrimas.  
(E meus olhos: mortos,  
de quem já não se  
surpreende com nada, nada).

A mim só resta o gesto,  
tão automático, enfadonho  
e monótono de ficar erguendo,  
a cada minuto, o copo,  
olhando sem prazer  
esta noite sem mistérios.

**DOMINGOS PELLEGRINI JR.**

**A cadeia é aqui fora nas ruas (Taiguara)**

**O tempo presente, a vida presente (Drummond)**

Aqui vão alguns poemas, que podem ser reproduzidos, Peço que sejam reproduzidos.

São quase todos poemas a ser divulgados em tempo — ou seja, são para agora, sem pretensões

O tempo te pôs a mão na cabeça  
é ensinou três coisas. Primeiro:  
Você pode crer em mudanças  
Quando duvida de tudo, quando  
procura a luz dentro das pilhas,  
o caroço nas pedras, a causa  
das coisas, seu sangue bruto.

Segundo: você não pode  
mudar o mundo conforme o coração.

a posteridade. São para ser queimados agora ou nunca.

Eles são animados por uma visão que confunde arte e educação:

Tua pressa não apressa a História,  
Melhor que teu heroísmo,  
tua disciplina na multidão.

Terceiro: é preciso  
trabalhar todo dia, toda madrugada  
para mudar um pedaço de horta,  
uma paisagem, um homem.  
Mas mudam, essa é a verdade.

**NO FORUM**

Naquela sala trancados  
os operários mortos.  
Goma-laca na boca  
na escuridão de carbono  
com carimbos na roupa  
os operários mortos.  
O andaime caiu de podre.  
O engenheiro culpou  
o construtor que culpou  
o engenheiro. E o  
prefeito tinha pressa  
os juros cobram depressa  
ao Capital interessa  
ligeireza, menino.  
Mas, culpa do destino,  
escavação desabou.  
O engenheiro culpou  
a terra que desabou.  
Elevador despencou.  
A betoneira começa  
a misturar uma massa  
de sangue e cabelos.

Resultado: uma sala  
no Fórum da cidade  
para os operários mortos.  
Nunca moveram processo.  
Nunca abriram inquérito.  
Mas estão lá, com dentes  
e olhos arrebatados  
boca entupida de terra  
pulmões inchados de água  
sapatos cimentados  
e viúvas magras.  
Naquela sala trancados.  
Para que não empilhem  
tijolos de dor preta  
nas escrivatinhas.

**Domingos Pellegrini Jr.**  
Londrina - Pr.

Para que não interrompam  
o expediente  
com pás e picaretas.  
Para que não saiam  
para que não tentem  
para que esqueçam  
como são esquecidos.  
Afim, se berrassem  
quem lhes daria ouvidos?  
Por enquanto é uma sala.  
Um dia, será uma ala.  
Um pavilhão, edifício.  
Seus corações de amianto  
rugirão mudos, mas tanto  
que tremerão as gavetas  
e engasgarão os ofícios.  
Algum juiz mais novato.  
perguntará que diabo  
é essa revolução?  
Donde vem esse fedor  
de bñis cimento e cal  
de múmias embalsamadas  
em farinha e feijão?

Responderão: é  
o vento, juiz, que vem  
daqueles lados de lá  
algum aterro de lixo  
carniça de paquiderme  
não interrompa por isso  
vossa vetusta audiência.  
Talvez um ventilador  
nos faça falta, Excelência  
e ajude a fazer justiça.  
Sim, Excelência, é só  
do que precisamos por  
aqui: um bom ventilador.

**Declaração (pa  
direitos l**

(VERSÃO BRASIL-78)

Tenho para mim  
ingenuamente  
que o direito mais radical  
sede antropológica  
seria o amor  
que escrevo agora não co  
solução fácil, reles  
mas como arqueólogo que  
esgravata  
e tentar pegar o sentido

da palavra  
(amor)  
porque, não se enganem,  
se morre de mágoa,  
sim, não esqueçam  
por favor  
que se morre de mágoa  
tristeza, pesar  
conheço alguns casos  
e não aposentam ninguém  
porisso digo  
não esquecendo as prior

água, comida, esgoto, l  
que o direito ao amor  
faz parte da minha pa

na guerra e na paz  
travada em separado com  
enquanto, estupidamente,

(DESTERRO, 27 de m

**Para o aniv  
de En**

Teresinh

Emília que faz hoje oito  
era um amor muito antes  
e depois foi reinventada e

Emília se transforma em  
é às vezes sol, às vezes flo  
às vezes pássaro ou céu

Emília que canta e que é  
que passa o tempo no seu  
que contempla a neve cor  
e que sorri com segre

A minha filha: que lhe po  
neste dia de lembranças  
e em que reúne suas oito  
Dou-lhe um beijo e nas pa  
ponho os frescos versos q

particular) dos  
 humanos

Amel Medeiros Vieira

como puro lugar-comum

que esgravata

do verdadeiro  
 (isto é, para o homem)

ém por tristeza, mágoa

prioridades (lógico, sou um  
 [pequeno burguês]  
 , habitação, salário, vida  
 [digna, etc.

particular declaração dos  
 [direitos do homem

comigo mesmo  
 te, cutuco meus fantasmas  
 [ com vara curta.

e maio de 1978, sábado)

iversário de  
 Emília

inha Alves Pereira

to anos  
 tes de ser vida  
 a em poesia.

m cada dia:  
 flor,  
 eu azul.

é canção  
 eu álbum de bebê,  
 com um gozo enorme  
 os páo vento.

posso dar  
 as mútuas  
 ito alegrias?  
 páginas de seu livro  
 s que lhe fiz pela manhã.

**Coisa morna**

Pedro Radosavlhevitch

tua boca prata  
 brota  
 na minha  
 boca  
 água e minério  
 e assim  
 me  
 vejo  
 cacho  
 eira  
 nos  
 teus  
 beijos

de água  
 doce e espuma  
 sou louco  
 rio  
 no cio  
 do teu  
 leite  
 feito  
 língua  
 morna  
 delícia sem  
 norma  
 que  
 e

s  
 c  
 o  
 r  
 e esquenta

lenta  
 densa  
 entre  
 os beijos  
 escuros  
 as grutas  
 ocas  
 das nossas  
 bocas.

**Alternativo**

Sergio Amaral

Morder minutos  
 com os dentes da fúria  
 é sempre bom,  
 sempre a busca  
 irreversível e urgente  
 desse gosto, cheiro e cor  
 de fruta viva.  
 E quanto menos  
 previsível,  
 menos plástico  
 e anestésico o sabor,  
 mais me excita  
 a aventura  
 de, na esquina  
 movediça,  
 ter/na boca  
 clandestina  
 o alter-  
 -nativo  
 da vida.

**Faróis do meu impulso**

(Maria Odete Onório Olsen)

são essas luzes,  
 olhos esses que retenho  
 meus,  
 que tão egoisticamente mantenho  
 que me aderem  
 (e compactuo),  
 à realidade cotidiana.

e leio Cartre, Kafka  
 vasculho Dostoiévski, Brecht  
 batalho em Maiakóvski,  
 Já revi Drumond,  
 Cái em Gullar  
 e a cada dia mais sofro,  
 e a cada dia mais  
 mais nada sei.

se sou idiota,  
 é o que mais convém  
 dessa chaga já me livrei  
 (simples dedução),  
 o útero inchado que me formou  
 eu já culpei,  
 e só me restaram essas luzes  
 olhos meus  
 que à curiosidade aos brilhos  
 eu trilho a cada manhã  
 por vislumbrar um horizonte a cada passo  
 ou, a cada tropeço evitar  
 a larva que se arrasta...  
 comparar os brios da espuma dum mar revolto  
 das mesmas frestas a beleza dum raio de luz  
 abismar-me ante o poder e a força  
 que encerro em cada mão;

e ilariante,  
 comparo-me ao absurdo genético que é um anão  
 revolto-me com os domingos festivos  
 de uma televisão  
 enjojo-me com o catchup esparramado  
 sangue fictício da minha esfomeação  
 ou, o sangue do mosquito  
 na parede das minhas insônias  
 esmagado e séco  
 mais real,  
 para a minha imaginação;

e a velha hesitante exaurindo na esquina  
 ou o mendigo da banca  
 pontual,  
 responsáveis são eles  
 olhos esses  
 meus  
 que por impulsos  
 não me detêm.

PEDRO RADOSAVLHEVITCH e SERGIO AMARAL são terceiranistas de Economia na USP e têm, respectivamente, 22 e 19 anos. O primeiro livro de Pedro chama-se "NÓ CEGO" e o de Sergio, "CARA A CARA", ambos em edição marginal e já esgotados. Os dois já tiveram textos publicados em diversos jornais e revistas literárias e são detentores de alguns prêmios de Poesia. Têm participado e organizado exposições e recitais, procurando sempre maior divulgação para seus trabalhos e, mais que isso, para os demais autores de uma geração muitas vezes marginalizada em relação aos sistemas de edição e distribuição. Coerentes com esse objetivo. Pedro e Sergio são parceiros no livro inédito "BOTE A BOCA NESSE BELJO", a sair em 1978, e criadores do Grupo "MAIS CARA MÁSCARA", de Poesia Marginal.

**CONTO**

**Feito Bicho, Apenas**

para o bando incorrigível de Madelon

Certa vez eu enxerguei um ratinho branco. Ele se escondia atrás de livros antigos e sempre aparecia em lugares onde ninguém esperava. As pessoas tinham medo do ratinho, corriam assustadas quando ele passava tímido por entre seus pés. O ratinho era tão branco, diferente. Eu tinha medo das pessoas, às vezes ficava tremendo quando alguma delas me olhava. E, temia que elas matassem o ratinho.

Um dia isto vai acontecer, dizia uma delas, com olhar esquisito, eu não compreendia. O destino de um pequeno rato — que vivia escondido numa casa habitada por pessoas — é sofrer perseguições até a morte.

Mas, e se o rato for branco? Eu me perguntava, mas não tinha coragem de dizer isto a elas, ultimamente eu não tinha mais coragem de expressar os meus sentimentos. Eu também me escondia, como o ratinho, infelizmente eles sempre acabam jogando seus

pés perto do nosso caminho, jogando suas pedras.

Eu queria, pelo menos, conseguir salvar o ratinho branco. Tem gente que consegue salvar tantas coisas, consegue fazer tanto. Tem gente que pretende salvar a humanidade, resolver os problemas de todas as criaturas. Por que eu não conseguiria salvar um bichinho tão pequeno?

Se perguntasse isto a eles, já sei o que diriam: incompetência, falta de espírito crítico, ineficácia... Eles sempre tem respostas para tudo e se adaptam com tudo. Mas, eu não consigo andar no caminho deles, "que é o certo, o bom, o óbvio, o mais seguro, o mais fácil". E, eles me acham esquisita, como um rato. "É preciso exterminar com as espécimes estranhas, que não ajudam positivamente na construção do mundo futuro, impedir que tais seres se multipliquem, cuidar para que o mundo não seja surpreendido com uma nova peste, etc." Tudo isto eu enxergava nos olhos deles. Mas, eu quase

não olhava dentro deles, pois me sentia por demais triste quando isto acontecia.

Eu gostava era de acariciar o ratinho, de contar-lhe histórias que aprendera em outros tempos e eu só podia contar pra ele, ele ficava tão quietinho por entre os meus dedos, sentia que ele gostava de mim e eu gostava tanto dele! Era este o meu único sentido para a vida.

As vezes ele ficava tempo sem me aparecer, eu ficava procurando em todos os cantos da casa, quando a ausência já doía demais ele me aparecia, era como se ele soubesse que eu já me encontrava sem forças para continuar sozinha. Ele precisava estar comigo Mas, ele temia ser visto por algum deles, inquietava-se tanto com isto, eu queria lhe dizer que não deixaria que eles lhe fizessem nenhum mal, que eu não... mas, lembrava-me da minha ineficácia... e só podia tocar de leve na sua brancura, contar-lhe histórias, dar-lhe água e co-

mida, enquanto havia vida para isto. Enquanto ainda podíamos, em pequenos cantos escuros, nos encontrar.

Tantas coisas ficam pulsando dentro de mim. Por que será que o ratinho escolheu esta casa pra viver? Por que, sendo os ratos escuros, este que me apereceu é tão branco, tão íntegro?

Acordei pensando nestas perguntas e com tanta vontade de encontrá-lo. Não precisei procurá-lo muito, desta vez, abri a porta do banheiro, ele estava lá, branco como sempre, esticadinho e morto.

Ainda continuo morando na mesma casa. As pessoas insistem em dizer que ele não era branco, que era escuro como todos os outros. Será que elas não enxergavam? A maioria das pessoas enxerga tão pouco! Por isto mesmo, nunca disse a eles o nome do ratinho e nunca mais vou olhar dentro de seus olhos, nunca mais.

**Inês Mafra**

Brusque - Sta. Catarina

**Ex-port-ação**

Cirineu M. Cardoso

De um porto a outro  
 rotear  
 sobre sangue  
 dos pescados  
 e águas gordurosas  
 rotas  
 e rotinas  
 dependencia  
 na rosa-dos-ventos  
 vento norte traçado  
 rotinas  
 cais  
 navios  
 trabalho  
 embarque chorado  
 suor e maresia  
 rapina  
 O calado calado  
 mergulha  
 toneladas de braços  
 minerais e vegetais  
 no bojo  
 Ex-port-ação  
 rótulo  
 "MADE IN BREZIL"

a paisagem  
 veloz  
 surpreende  
 os donos-da-casa  
 em suas  
 janelas.

1977

**Sonhos**

**Adilson Pacheco**  
 Florianópolis — SC

Sonhos são todos os efeitos de vontade  
 Que sentimos,

em certas épocas,

Sonhamos em estar, sentir um certo lugar,  
 Onde podemos as vezes ser deprimidos,  
 machucados, mas é um sonho realizado  
 Sonho realizado,

São ideais que julgo impossível  
 Mas,

nada é impossível quando se luta  
 por um dia melhor  
 Sonho,

são lembranças que possuímos quando  
 não temos nada,

e quando não temos nada o que fazer, ou  
 quando achamos que somos muito vivido

Vivemos num mundo de sonho,

Que outrora fora um ideal de um sonhador.

**Carlos Damião**

Epollis. Sta. Catarina

CANTAREMOS  
 APENAS  
 LI-BER-DA-DE  
 AINDA QUE  
 LONGE  
 DOS  
 OLHOS

# BRASIL

## o desconcertante país do futebol

**José Endoença Martins.**

"Ai tira — bota.

Tira — bota. Bota aqui no meu lugar.

Prende o gato na gaiola, que o canário vai cantar."

(Marchinha da copa cantada pelos Incríveis)

O Brasil é, de fato, um país estranho e desconcertante. E essa sensação de estranheza e desconcerto se mostra mais aguda nas atitudes da Nação diante dos graves problemas tão frequentes nos últimos anos.

De repente, o país sentiu a necessidade premente de ir para frente, a necessidade de recuperar, com avidez, tempo e espaço perdidos ociosamente, a pressa de se igualar, a qualquer preço, aos maiores.

De repente, a Nação percebeu que não podia mais perder um minuto sequer, um centavo apenas. Porque os gigantes desafios estavam rodando afoitos e gulosos, roubando-lhes a calma e o sono dormido no secular berço esplêndido.

E a Nação acordou. Acordou para o progresso mais urgentes. Governo e povo como que pactuaram um acordo mudo para o futuro. O povo trabalhando, o governo governando. E, juntos, num mutirão nacional, vêm enfrentando os constantes desafios dos tempos modernos, com desenvoltura, aplicação e tenacidade, golpeando a inflação onde ela for golpeável, educando a educação onde ela for educável, democratizando a democracia onde ela for democratizável.

Por causa deste mutirão progressista assumido pelo governo e pelo povo, o povo conseguiu algumas parcas regalias, o atendimento no INPS (INAMPS) torna-se mais rápido e humano, o governo concede ao seu colaborador o 14º. salário, os trabalhadores paulistas põem a noção a lei de greve e conseguem aumentos de até 20% em conversas com os patrões, muitas arenas tropicais proclamam independência e dizem não às imposições de Brasília, a imprensa alternativa respira mais fácil aliviada com a suspensão total da censura prévia, e outras mais.

Então, quando tudo parecia caminhar às mil maravilhas

aconteceu o futebol. Aconteceu a Copa do Mundo. E o país parou. A Nação parou. O governo parou. Era o futebol, provocando esta parada inusitada, exacerbando os sentimentos da Nação. A alienação foi completa, total, irreversível. Governo e povo pactuaram mais uma vez Pactuaram no delírio febricitante dos gols e das minguadas vitórias do selecionado canarinho. Pactuaram no lazer angustiante da neurose brasileira montada na fabulosa quantidade de 87 milhões consumidos, na Argentina, por uma equipe que nem parecia formada pelos nossos melhores profissionais da bola.

E esqueceram o mutirão progressista. Esqueceram a educação deseducada, a sub-alimentação, a saúde, os sub-empregos, os salários de fome, a habitação, os transportes de massa.

E tiraram férias coletivas. Férias coletivas para o governo e o povo. O governo deixou de governar. Os políticos deixaram de politizar. (ainda bem) Os professores deixaram de professorar. Os estudantes deixaram de estudar. Apenas os jogadores que tinham obrigação de jogar, pareciam querer também participar, lá da Argentina, destas férias que assolavam o país. Porém, a Nação, soberana, lhes tirou este direito.

E este Junho bissexto e cabalístico foi o mês das férias coletivas e neurotizantes para que todo o país fosse, de carro, de avião, de ônibus, de rádio, televisão ou carona, à Argentina, gritar os gols que pudesse gritar. E voltasse de lá reanimado, feliz, confortado, para a segunda etapa do mutirão progressista cujo fim é colocar o Brasil entre os maiores.

Todos viram como o nosso futebol voltou da Argentina e têm as melhores explicações, porém este Junho me deixou preocupado. Isto porque, enquanto o futebol consegue deixar tenso cada brasileiro e parar a Nação, problemas graves como a seca, a geada e a maré vermelha no sul, conseguem, quando muito algumas rugas na frente de alguns brasileiros.

Coisas de país subdesenvolvido, gente, infelizmente.

# OS PROFISSIONAIS QUE ESTAMOS FORMANDO

Dentre as funções gerais do sistema de ensino superior na atual sociedade brasileira, cabe, particularmente, preparar profissionais de nível elevado em função da demanda do mercado de trabalho nas instituições privadas e públicas.

Considerando-se o desenvolvimento rápido das ciências, surge a necessidade de todo profissional manter-se constantemente informado a fim de permanecer na roda viva da vida.

Com o objetivo de divulgar os cursos de aperfeiçoamento, especialização Mestrado ou Doutorado, iniciamos com este artigo, a apresentação de várias universidades brasileiras e as estrangeiras e seus respectivos cursos.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO — Faculdade de Direito**

A Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com sede na Cidade Universitária, Rio de Janeiro, Capital, oferece cursos de Aperfeiçoamento, Especialização, Treinamento Profissional e Atualização nas seguintes áreas:

Direito Público, Direito Privado, Direito Penal, Direito do Trabalho e Direito Econômico.

Os referidos cursos destinam-se a:

— completar em nível elevado, após a graduação, o conhecimento adquirido em área específica do currículo do curso profissional,

— graduados que desejam aprofundar seus conhecimentos e desenvolver habilidades técnicas em determinadas áreas.

— possibilitar o aprimoramento da prática das técnicas necessárias ao exercício profissional, através da aprendizagem em serviço.

**UNIVERSIDADE CENTRAL DE VENEZUELA — Faculdade de Engenharia**

A Faculdade de Engenharia da Universidade Central da Venezuela, com Sede em Caracas, oferece diversos cursos de Especialização, Mestrado e ou Doutorado na área de Engenharia.

Estes cursos tem como objetivo a formação de pessoal especializado para resolver os problemas tecnológicos prioritários do desenvolvimento, e para conduzir os trabalhos de pesquisa que demandam destes problemas.

Os Cursos oferecidos são:

— Pesquisa Operacional —, Mecânica Teórica e Aplicada, Engenharia Estrutural, Engenharia Sísmica, Engenharia Hidráulica, Geoquímica, Geologia do Petróleo, Geologia Sedimentar, Petrologia, Força Motriz, Sistemas Energéticos, Ciências dos Materiais.

Em Engenharia Química possui duas opções: Petroquímica e Polímeros.

Os alunos dos cursos tem acesso a Biblioteca da Faculdade e às bibliotecas especializadas dos demais departamentos da Universidade bem como à Biblioteca Central.

Está também a disposição dos alunos um Sistema de Computação Burroughs B-5500 que pode ser operado diretamente ou através de terminais instalados em diversos pontos da Faculdade. Além desta unidade, a Universidade Central da Venezuela dispõe de um computador IBM-360, igualmente utilizado no ensino e na pesquisa.

(Wilson Lang)

toalhas



**ARTEX**

A MODA EM TOALHA — Blumenau - Santa Catarina

# (AS) SOCIAIS AKA DÊMICAS

Celso Vicenzi

## VARIAÇÕES EM TORNO DE UM TEMA

— Se todos aqueles que discordam do Regime se dessem as mãos, ficava mais fácil pra polícia colocar as algemas.

— Se todos os onanistas se dessem as mãos, o onanismo acabaria.

— Se todos os jogadores peruanos se dessem as mãos e cantassem com fervor o hino da Argentina, eu não estranharia.

— Se todos os carrascos se dessem as mãos, quem iria torturar os presos políticos?

— Se todas as prostitutas só dessem as mãos... (épa, houve engano).

## QUESTÃO DE PREÇO

É impressionante a virilidade do dinheiro, o seu poder de sedução. Somos todos impotentes diante dele. De nada adiantam as alquimias dos cientistas no combate ao vírus da corrupção. Será que não existe ninguém imune? Existe alguém que não queira vender a sua consciência em troca de favores sob as mais diversas formas? Não sei.

O que sei é que o vírus vai se alastrando rapidamente, a ponto de ninguém mais ter aqueles antigos e ultrapassados problemas de consciência. Hoje em dia, tudo é mais prático. Diante da impotência de lutar contra o poder, mantido pelo dinheiro, a única saída que parece haver, é aceitar a corrupção, entrar no jogo. É a velha história: se o estupro é inevitável, o negócio é relaxar e aproveitar.

Incorruptível? Sei não me parece que é tudo uma questão de preço.

## BRASILEIROS, UNI-VOS

A Volkswagen produziu na Amazônia (as multinacionais não comprando terreno em tudo que é canto) o maior incêndio proposital de todos os tempos. Tão grande que só chegamos a tomar conhecimento porque foi registrado por um dos satélites norte-americanos. A Volkswagen, dona do maior latifúndio na Amazônia, tocou fogo numa região de 100 km por 100 km. É o maior atentado contra a ecologia do país já registrado e poucos foram os jornais e revistas que puderam publicar o fato, com o destaque que ele merecia. O que fez o IBDF? Deu uma multa de alguns mil cruzeiros e tudo bem (este deve ser o melhor país pra se viver — pelo menos para os estrangeiros).

Enquanto isso, o multimilionário norte-americano Daniel Ludwig, que comprou uma região na Amazônia melhor que o Estado de Sergipe (pasmem), tá levando pra lá uma fábrica de celulose, transportada em comboios pelo rio. É bom registrar que as fábricas de celulose são das que mais poluem o meio ambiente. Ninguém tem acesso ao império do multimilionário e pleno território brasileiro (sabe-se lá o que o homem não está devastando).

Agora eu pergunto: pra que serve a Lei de Segurança Nacional? Ou será que ninguém segura mais este país? (como afirmava o velho slogan).

Tá todo mundo preocupado com as greves dos operários, em dar cacetada em estudante, em prender supostos comunistas e subversivos, em controlar a censura...

E enquanto isto a gringolada (multinacionais e multimilionários que corrompem e subornam muitos brasileiros) toma conta do país, aos poucos.

O pior cego é o que não quer enxergar.

## PROVÉRBIO TROPICAL

Em terra de cego quem tem um olho, o rei manda prender.

## ESTE É UM PAÍS RELATIVO

O que seria deste país se não fosse Albert Einstein? Sim, porque aqui tudo é relativo. A democracia é relativa. A mentira não é mentira, é uma verdade relativa. E assim seguem-se os exemplos.

Mas eis que, para orgulho do povo catarinense, o Sr. Mário Moraes, Secretário da Educação do Estado, acaba de incorporar mais uma obra prima a esta coletânea de elementos relativos.

Convocado que foi dialogar sobre os problemas de classe dos professores, na Assembleia Legislativa, O Sr. Mário Moraes falou durante mais de duas horas sobre assuntos que absolutamente ninguém havia lhe perguntado. Terminada a sessão, o MDB e os representantes da ALISC (Associação dos Professores Licenciados de Santa Catarina) solicitaram a prorrogação da sessão, pois tanto o MDB quanto a ALISC tinham uma série de perguntas a formular ao Secretário e que este não havia respondido em seu longo e monótono monólogo. Resultado: a Arena votou contra e a sessão foi encerrada.

E este pessoal ainda tem

coragem de falar que está aberto ao diálogo. Entretanto, com o tempo a gente aprende. O que o Sr. Mário Moraes fez na Assembleia Legislativa (além desta palhaçada) não foi um diálogo, mas um monólogo relativo, o que na opinião da Arena, que votou contra, é quase a mesma coisa, ou seja, é só uma questão de ponto de vista.

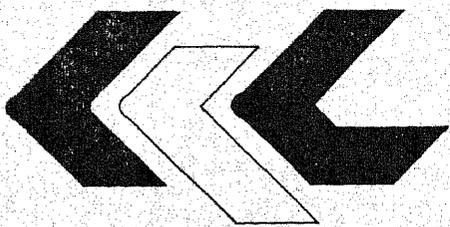
Solta um oftalmologista pra Arena.

## LUTZEMBERGER

José Lutzemberger, presidente da Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural, é talvez a maior consciência nacional em ecologia. Ele esteve em Blumenau no dia 5 de junho, quando proferiu uma palestra, incluída nas inúmeras comemorações alusivas ao Dia Mundial do Meio Ambiente. Neste dia ele também concedeu uma entrevista coletiva a imprensa e vale ressaltar algumas coisas que disse: — “O Brasil está incendiado de ponta a ponta. Todos acham que tem que estar metendo fogo em tudo quanto é vegetação seca. É uma verdadeira piromania nacional que só tem explicação na imbecilidade”.

— “A ocupação da Amazônia, atualmente, é talvez a maior imbecilidade da nossa história e talvez da história da humanidade. Vamos deixar a sua ocupação para daqui a 50 ou 100 anos, para os nossos filhos. Em Estados já densamente povoados são incríveis ainda as possibilidades que temos. Vamos cuidar da Amazônia, que está sendo entregue de mão beijada às firmas multinacionais”.

# CENTRO CÓPIAS LTDA.



AS CÓPIAS SÓ SUPERADAS PELOS ORIGINAIS.

LEMAC S.A. - INDÚSTRIA HELIOGRÁFICA — Repres. exclusivo de Sta. Catarina

MATERIAIS PARA  
ENGENHARIA \* DESENHO \* EXPEDIENTE

Rua Floriano Peixoto, 89

LOJA 3 — Fone: 22-3215

Blumenau - SC.

Encaminhe um analfabeto a um posto do MOBREAL

# UNIVERSIDÉIAS

## Casa do Estudante Universitário

Não bastasse o alto preço que o nosso universitário de Instituições privadas paga para conquistar seu diploma, deve lidar com um dos mais graves, senão o mais grave, problema: uma morada (mesmo que provisória, mas que importante).

Na nossa Universidade acontece algo muito particular próprio aliás das Fundações Educacionais: a despreocupação dos Administradores e do Corpo Docente no que tange à vida privada dos universitários. Para eles não importa o grau de dificuldades do corpo discente em frequentar as aulas, a biblioteca, tudo enfim que pode oferecer a Instituição. Não, o que lhes importa é se os créditos estão sendo devidamente liquidados, é se a Tesouraria trabalha com eficiência no sistema de cobrança das duplicatas assinadas por época da matrícula, é se as vagas dos cursos oferecidos (mesmo que já desgastados do ponto de vista do mercado de trabalho) são preenchidas.

Exatamente, e muito mais...

É impressionante a exatidão dos cálculos efetuados em cima dos bolsos, por vezes, e quantas vezes, vazios do nosso universitário. Mas, ninguém se preocupa, acreditamos que nem o dever de preocupação lhes cabe em pensar na alimentação, no alojamento, na condução, numa vida social decente ao estudante da nossa Furb.

Não nos interessa uma análise da alimentação, no momento, nem mesmo

da condução e outros problemas senão o da Casa do Estudante Universitário. Um problema que se agrava na medida que nenhuma pessoa procura pensar sobre o assunto. Possivelmente receio do incômodo. Possivelmente diplomacias jogadas ao esquecimento do "não interessa". Possivelmente uma defesa de interesses apenas ligados aos investimentos da própria Universidade. Possivelmente despreocupação a respeito do assunto nos seguintes termos: "não nos cabe, não nos compete, não há necessidade, pois nosso estudante, basta observar, se estuda é porque pode estudar..."

O que resta, então, após essas dramáticas considerações, senão apontar a importância do enunciado, a relevância do problema, a urgência das medidas? Pois bem, sabemos que a Furb conta com praticamente quatro mil universitários integrados às cinco Faculdades e seus respectivos cursos. Vários cursos, principalmente o de Direito, o de Economia, alguns da Faculdade de Filosofia são frequentados na sua maioria por estudantes que vivem na Região (cidades vizinhas), com sua colocação definida quanto ao problema moradia, alimentação e profissão. São estudantes, digamos não profissionais, são exatamente aquelas pessoas que desejam uma garantia na sua profissão (muitas dessas pessoas ligadas ao Magistério, às Indústrias e outros). Acontece, porém, que a Furb oferece cursos como Engenharia Civil, Engenharia Química, Processamento de Dados, cursos estes que exigem, muitas

das vezes, senão sempre, uma dedicação plena ou integral do aluno. Temos que considerar aqui a realização de aulas práticas, a realização de estágios e as pesquisas efetuadas. Assim, se formos fazer um levantamento, vamos verificar que 90% (noventa por cento) dos Estudantes, principalmente da área de Engenharia, são alunos que dependem de moradia, são alunos que carecem de refeições a preço condizente com a sua situação de "estudante profissional". E o número desses estudantes profissionais na Furb se eleva em termos de ... 1.300 "necessitados". "Necessitados" porque longe do lar, longe da terra de seus pais, contam ou com insignificante emprego provisório ou com uma mesada dos pais e/ou, ainda, com bolsas (e bolsa é bolsa), que cobrem apenas a possibilidade de se manterem como alunos "regularmente inscritos"... porque na concepção do que vai a coisa, quem não paga uma mensalidade começa a figurar como "... irregularmente matriculado" ... sujeito à juros, multas e outros Cr\$.

Pelo número dos que pagam pensão em Blumenau se justifica um movimento pró "Casa do Estudante Universitário". Fica aqui um apelo ao Diretório Central dos Estudantes. Fica aqui um apelo aos órgãos públicos. Fica aqui um desejo de que nosso alerta sensibilize pessoas (humanas) para tomada de posições no que se refere à Casa do Universitário (administrada pelo próprio estudante).

R. D.S.

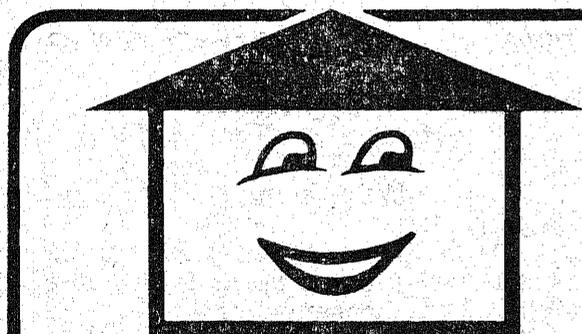


**LUNARDELLI**

EDITOR E LIVRARIA LUNARDELLI

A PIONEIRA NA EDIÇÃO E DIVULGAÇÃO DO AUTOR CATARINENSE

Rua Victor Meirelles, 18/28 — Caixa Postal, 263 — Telefone, 22-4637 — FLORIANÓPOLIS — Santa Catarina.



**A CASINHA AGORA  
ESTÁ SORRINDO  
TAMBÉM NO GARCIA**

**PROBST**

Rua Amazonas, 3.176

UNIVERSIDÉIAS

TITO VILLE

**KOISCE'S**

1.

**O dia do contrário na Furb**  
Dá Zebra na Furb quando:  
— O Clayton não estiver na cantina na base de girls e baralho...

— O Saut não conseguir dar fim nas matérias que lhes entregam bem intencionados estudantes... (o cara tem uma memória fantástica... não se lembra "jamais" do lugar em que guarda o que consegue guardar...).

— Quando 50% dos alunos forem premiados com aprovação em determinada cadeira do curso de direito lecionada por determinado professor... "cara legal"...

— Quando o passarinho sair com a gaiola atrás de alguém.

— Quando certo professor não mais escrever moeda assim:

**Moéda.**

— No dia em que o restaurante universitário tiver tabela de preço aquém das do comércio "comestível" de Blumenau.

— Quando o Silvio (aquele... o Borges...) deixar de implicar com o Senhor Reitor.

— Quando a "Manchete" e "Veja" esquecerem os fiéis trocados da Furb com suas exuberantes reportagens.

— Quando "Universidéias" merecer pagamento... até quando DCE?

— Quando acabarem de chamar "Tito Ville" de louco varrido.

— Quando... quando... quando... o sol, a lua, as estrelas perderem seu brilho.

2.

A matéria denominada "Desagrado" conseguiu desagradar alunos e professores... portanto... sucesso total...

3.

**Inocência**

Uma tal menina de nome Vera, indo pela segunda vez à casa de uns amigos, notou que o espaço entre o muro e a casa havia aumentado. E logo perguntou:

— Vocês afastaram o muro?

— Não, minha cara, afastamos a casa.

— Foi difícil?

4.

Dizem por aí que andam querendo promover na Furb um Festival de Cinema Alemão... (graças que é mudinho...)

5.

O próximo aumento dos cre-

ditos e outros na Furb poderão ter como justificativa a seca que abocanha o Brasil e Santa Catarina...

6.

A turma de engenharia de 1978 resolveu: no nosso convite não sai nome de ninguém... nem reitor, nem prefeito e nem governador... só terão vez os futuros...

7.

Grupo "Phoenix" da Furb foi reconhecido de utilidade pública. Nota de utilidade pública: "amanhã tem teatro"...

8.

Vilson "o surrealista" tá passando da inatividade para a atividade... dizem que é o tal do "surrealismo concreto"...

9.

Valsa Brasileira: (ou melhor... valsa furbeana):

"Cantina, cantina meu amor para os estudantes és uma dor bolinho lá em cima,

água cá em baixo, cachorro quente latindo de frio,

refeição num preço de calafrio,

pobre estudante, cadê DCE?

pobre estudante cadê o DCE?"

10.

Estudante sofre: quando chove se molha, quando dá sol sua, quando tem fome passa fome, quando bebe fica bêbado, quando reclama apanha, quando estuda roda...!

11.

Em agosto o Dacoble (Diretório da Faculdade de Direito) e a Faculdade de Ciências Jurídicas estarão promovendo a IIª. Semana de Estudos Finais. Esta promoção sempre tem salvo os estudantes candidatos nas eleições de agosto.

12.

— Meu amigo, meu amigo... a vida continua e os preços dos requerimentos na Furb também... que tristeza.

13.

— Meu amigo, meu amigo... vêm aí as eleições para os Diretórios Acadêmicos... que tristeza.

14.

— Meu amigo, meu amigo... vai ter lista pra reitor?

— Como?

— Lista... aquela pra eleger Reitor?

— Só daqui a quatro anos...

— Que tristeza.

15.

— Meu amigo, meu amigo... cadê a assistente social da Furb?

— Aquela?

— É...

— Mandaram embora... questão de "contenção de despesa"...

— Mas contrataram outra?

— É... acho que é...

— Que tristeza...

16.

— Hoje recebi meu salário mínimo como semi-estagiário!

— Que alegria!

17.

A reitoria tá dando força para o IIIº. Festival Universitário da Canção... uma política de "contenção borgeana, por certo".

18.

Miseras palavras fazem cair qualquer pessoa do posto.

19.

A vingança aniquila até os amigos.

20.

A inveja rouba o alimento dos melhores amigos.

21.

Trabalhar para promover os outros pode ser a própria auto-destruição.

22.

Você já riu muito de Tito Ville, com Tito Ville... por que não ri um pouco de você?

23.

**Poema**

autor (eu)

titulo (tu)

cenário (nós)

diálogo (eu, eu, eu)

final (morte)

24.

Você apenas aprecia o que dizem de bom sobre você.

Você se irrita quando discordam de você.

Você gosta de ser elogiado.

Você reclama do que não agrada.

Você está acostumado a pensar apenas como você.

Um abraço do seu amigo... mesmo que criticando você..

(Tito Ville).

25.

Os políticos acariciam tuas costas.

Os políticos elogiam tua esposa.

Teus dentes são lindos para os políticos.

Os políticos, muitos deles não sabem definir "política".

Os políticos, muitos deles sabem apenas que precisam de ti para mais quatro anos de segurança pessoal.

Muitos brigam por causas justas.

A maioria acaricia tuas cos-

tas.

Organizam tramas.

Os políticos te derrubam para poder subir... se lhes impedires o caminho.

Quem não é político?

Até universitário poderá sonhar com tal...

26.

Meu Deus, Meu Deus, quanta facilidade na boca de mestres... certos mestres...

27.

— Existe aluno?

— Sou contra!

28.

— Professor!

— Sim, meu aluno...

— O senhor se enganou na minha média...

— Impossível, meu caro.

— Mas, mestre eu não tirei abaixo de oito em todas as provas, aliás na única que o senhor fez em todo o semestre...

— Qual o seu nome?

— Fulano!

— Ah! Então você é o Fulano...?

29.

Maria Odete premiada em poesia... mas também, casada com poeta só sai poesia..

30.

— Mestre, qual o sinônimo de pós-graduação?

— Pós-elogiado, caro aluno!

31.

Decisão da Furb:

"Quem está em débito com a biblioteca central Martinho Cardoso da Veiga não se matricula".

Moral da estória: adeus Furb...

32.

Aula de matemática:

— Caro aluno, qual o resultado de um Burro ao quadrado (B2)?

— Eu e você, mestre...

33.

Aula de Psicologia:

— Professor, por que certos adultos fazem pipi na cama?

— Freud explica...

— E o senhor não explica?

— Bexiga, eu creio...

— É, professor, o senhor tem razão, Freud explica!

34.

Aula de química (aula prática):

— Professor, meu caro mestre, o que acontece se houver um engano na mistura dos ingredientes nesta experiência que estamos fazendo... strabuuummm... ai!

35.

Velho Olsen em voltas com antologia e outras antropofagias.

**UNIVERSIDÉIAS****NO CIPOAL DO GRAMATICISMO..,****(Bem a propósito da prioridade que se vêem dando ao exercício de redação nas provas de português)**

Escreveu: — Moacir Procópio

PÉSSIMO ALUNO em meu currículo ginásiano — fato bem explicável, por natural, viesse a acontecer, sabido que já adolescente me entregava ao vício do fumo — só em uma matéria, e esta de português, consegui aprovação.

O fato ocorrera no antigo Colégio Pedro II que era onde, no Rio, se prestavam exames finais, ditos parcelados.

Isso quando, sem a necessidade desses exames e era o que se dera pela vigência da "Gripe espanhola" que grassou, sobretudo ali, em 1918, ou por qualquer outro motivo, geralmente político, não se passava "por decreto"...

Mas no caso dessa minha presença, por inacreditável que pareça, por uma circunstância absolutamente estranha a essa promoção, mesmo atendendo-se à minha grande e constante predileção pela literatura.

O meu examinador que presidia a banca de então, o Professor e poeta Oiticica que tinha tanto de pessoa culta como de espírito não só independente como revolucionário (era um nulista, um anarquista confesso!) colocou bem em destaque essa minha situação de aprovado. Fê-lo, mesmo, de uma maneira ostensivamente declarada e aí, no próprio salão em que se procediam os exames, para que todos os ali presentes pudessem ouvir...

É que, tendo enfatizado o meu relativo desconhecimento da gramática (o que se verificara na prova oral) pelo menos em sua teoria, o que se acabava de constatar nesse derradeiro teste, na redação escrita me saíra airoosamente bem. Tão airoosamente bem, que dividida a nota aí alcançada com o, doutra forma, desmoralizante zero da referida arguição, ou conseguira passar através da linha que se proclamava ser a tangente, a periclitante nota três e meia..

Justificando num tom sempre enfático, que ele não tinha papas na língua para dizer o que pensava, esta atitude que aí tomara, uma vez que, embora me saindo bem

na chamada ao quadro negro onde eu escrevera certo, não sabia explicar, por outro lado, esse emprego da crase que é a contração, como todo mundo sabe, do artigo feminino com a preposição (a frase era "Vou à cidade").

Frisou então o meu original defensor e Mestre, para que a lição proveitosa me ficasse valendo até hoje... e aí para ensinaça e escarmento de seus próprios ilustres colegas de bancada, que uma norma me tinha valido naquela circunstância. E esta, não evidentemente a da decoração de regras e Leis da enfadonha Sra. Gramática, mas a leitura atenta e anotada, conforme eu mesmo lhe declarava, dos bons escritores lusitanos, condição primordial para os que, fora a bossa gramaticóloga dos especialistas, desejassem mesmo escrever...

Uma lição do passado — meia centúria já volvida! — e que só hoje vem a ser aceita, como eficiente e perfeitamente válida!

Pois lendo neste momento o "Jornal de Letras", deparo nele com uma crítica do sr. Antônio Savino a respeito do humorista Millor Fernandes, ou o popular Vam Gogo que subscrevia a secção PIF-PAF da antiga revista O CRUZEI-RO. Sendo Millor Fernandes, no seu expressar "tido com escritor sem estilo", o que se dava antes, "agora nos surge como um exemplar brilhante da taumaturgia brasileira".

Ora, é dessa pena que, "data venia", passamos a transcrever o escrito seguinte, direi vasado com estilo e sabor que era como, no meu tempo de escolar se dizia ser uma "composição", mas que agora se nomeia com sendo "trabalho de Redação".

"SELVA SELVAGGIA" — De repente um terror pânico me sacode.

Penetrei distraído e sinto que estou perdido na terrível floresta da linguagem do Roberto Campos.

Ignorando a estrada sintática, ele me trouxe a zonas praticamente intransponíveis.

Sem querer me entregar ao medo, vou tropeçando em anacronismos, latinismos, barbarismos e idiotismos da linguagem, quando ouço o silvar de volcábulos paragógicos. Caio no areal dos solecismos e sou mordido por vários anacolutos.

A custo, afastando duas redundâncias e esmagando um horrendo pleonismo, ecorregando em sinistras hipérbolas, agarro-me a um verbo auxiliar e a um complemento essencial. Porém, hibridismos me barram o caminho...

Ensurdecido nos rotacismos e lendacismos, arranhado por orações anfibológicas, recuo para cair no terrível cipoal da regência robertiana, de onde raros escapam com vida.

Galhos de corruptelas me cortam o rosto, enquanto sufoco com o cheiro dos defectivos...

Ponho o pé num nome próprio que acho seguro, mas logo seus substantivos verbais, saltam sobre mim.

Não tendo fuga, me protejo com uma próclise, evitando duas espantosas mesóclises e aproveito um advérbio de negação para atrair três pronomes relativos colocados em posições ameaçadoras.

Estou esgotado, felizmente — coisa rara neste tremedal! — sugere a clareira de um parágrafo.

Voltar — não é mais possível.

Avanço, pois, abrindo parêntesis, onde enfio arcaísmos, anacronismos, expressões chulas e ambivalentes.

Uma silepse espera-me mais à frente.

Desvio-me com uma vírgula, engano uma prosopopéia, sou envolvido por diversos parquemas, a que logo se juntam odiosas ressonâncias verbais.

Descanso sobre reticências... quando ouço o tantã das interjeições pejorativas emitidas por sujeitos, ocultos por elipse.

Apócopes!

Escapo-me pela picada do eufemismo e para respirar no fim do período simples.

Avanço pela pedreira dos metaplasmos, luto com apofonias, salto o pantanal dos cacófatos, esbarro com cacografias, empuro cacologias, me arrasto pela cocoópia...

Estou sufocado de exaustão, diante de uma centena de substantivos promiscuos, já desespero, quando percebo o ponto final.

Estou salvo — Roberto Campos acaba sempre num lugar comum".

— X —

— Gostaram da brincadeira miloriana?

No frigidar dos ovos... é sempre bom ir-se sabendo o que é um barbarismo, coisa assim não tão feroz como parece mas convindo evitar-se, conhecer-se uma hipérbole (colocada em lugar impróprio) uma oração anfibológica, algo obscura onde o sujeito banca o contrabandista e assim quantos tropeções gramaticais nos surjam nesta "selva selvaggia", nem assim tão aterradora. Que esses caras só tem mesmo de feio e até horrendo o nomo de batismo que lhes deram, sendo no mais tudo "buena gente".

Conhecê-los, para que não sejamos mordidos por tais anacolutos, assustarmos pelo "silvar dos volcábulos paragógicos". E tudo antes que nos afundemos em perigosos solos parequematosos, fazendo-nos proteger por inteligentes e oportunas próclises (acompanhados de enclises e mesóclises...); ou, ainda, sermos arranhados por orações anfibológicas de que já falamos.

E evitarmos, sempre que nos for possível, a citação, quanto mais pormos o pé... num nome para nós sempre respeitável (notar-se que Roberto Campos foi Ministro da Educação) e assim esquivan-do-nos, fugindo a sete pés desses "tremendos tremedais", até que nos surja, pela frente, a clareira de um... ponto final e está acontecendo conosco, mesmo que tenhamos que incidir num... lugar comum.

**COMUNICADO**

As matérias inseridas neste jornal podem ser reproduzidas no todo ou em partes, desde que citada a fonte.

**JORNAL DE LETRAS**

EDF. RAIMUNDO CORRÊA  
RUA BARATA RIBEIRO, 774 — 10º. ANDAR — SALA 1001  
RIO DE JANEIRO — RJ

# UNIVERSIDÉIAS

## Situação humilde da ciência no Brasil

Prof. J. J. Puls (Londrina)

Rogério C. Cerqueira Leite, físico, professor e coordenador geral das faculdades da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), e chefe do Instituto de Artes daquela universidade, publicou a 12 de novembro, na "Folha de S. Paulo", um artigo merecedor da maior divulgação e de considerações adicionais, sob o título "O Dr. Pangloss e a Ciência Brasileira". A extensão do trabalho do articulista não permite transcrevê-lo aqui por extenso, o que seria muito válido e de grande interesse. Apenas podemos citar alguns trechos e, ao final, tecer alguns comentários, expor a nossa opinião, particularmente destacando causas que explicam o título que estamos dando ao nosso escrito.

Eis, pois, o que, em parte, Cerqueira Leite diz:

"A atividade científica de um país é tradicionalmente avaliada pelo número de artigos especializados, publicados anualmente por suas instituições de pesquisa, universidades e laboratórios industriais. O nível de desenvolvimento científico pode então ser expresso por um simples parâmetro que é obtido pelo cômputo da produção de trabalhos publicados anualmente, em relação à população de um país". (Nota: o autor refere-se a "trabalhos publicados anualmente por milhão de habitantes").

"Nestas condições o Brasil se coloca muito mal no confronto com outras nações. Mesmo dentre os países da América Latina, o Brasil não consegue senão o NONO LUGAR (o destaque é nosso), com Argentina, Chile, Costa Rica (!), Jamaica, México, Trinidad, Uruguai e Venezuela apresentando INDICES MUITO SUPERIORES ao nosso".

Depois Cerqueira Leite traz à tona a satirização que Voltaire aplicou em Leibnitz, na "figura caricata do dr. Pangloss, o velho e pedante tutor de Cândido...".

E prossegue: "Se admitirmos como Pangloss que a ciência brasileira é O MELHOR POSSIVEL NESTE MELHOR PAIS POSSIVEL, pouco faremos em benefício de nosso próprio progresso. É preciso que NOS CONSCIENTIZEMOS DE NOSSO GRANDE ATRASO CIENTIFICO para podermos exigir de nossos dirigentes a atenção especial de que carecem nossas instituições de pesquisa e universidades para que possam atingir um nível aceitável de desenvolvimento científico".

Depois o autor explica: "Os dados que utilizei neste artigo foram levantados pela "Computer Horizons Inc.", a partir dos registros da "Science Citation Index". E: "Os cálculos do "índice

de desenvolvimento científico" para os diversos países, isto é, o número de artigos científicos publicados por ano e por milhão de habitantes, foi efetuado utilizando-se a média de artigos publicados em 1973, 1974 e 1975 e com o auxílio de censos e população de 1970...".

Cita: "Neste mesmo período a produção média brasileira foi de 605 (...) artigos, o que significa um índice de 6,2. Isto é, o Brasil está apenas DEZ VEZES MAIS ATRASADO CIENTIFICAMENTE QUE A MÉDIA MUNDIAL, em que se inclui todo o Terceiro Mundo"... "Não obstante está cerca de CEM VEZES mais atrasado que os EUA, que têm um índice igual a 600 (!)".

A seguir: "Entretanto, a situação fica REALMENTE CHOCANTE quando comparamos nossa produção científica per capita com os demais países da América Latina (incluindo-se o Caribe). O primeiro choque advém quando percebemos que a produção per capita média da América Latina é 50 por cento SUPERIOR à brasileira, com um índice igual a 9,6".

Depois o autor dá uma tabela, os índices em tela ordenados na ordem decrescente de produtividade: 1 — Chile, 37; 2 — Trinidad-Tobago, 35; 3 — Jamaica, 33; 4 — Argentina, 29; 5 — Costa Rica, 21; 6 — Venezuela, 17; 7 — Uruguai, 10,6; 8 — México, 7,9; e 9 — Brasil, 6,2".

E comenta: "... não podemos ignorar o Chile com uma produção anual científica per capita seis vezes superior àquela do Brasil, ou a Argentina, quase cinco vezes maior, ou a Venezuela, quase três vezes"... "Mesmo em termos absolutos, a Argentina tem uma produção científica mais elevada que o Brasil, apesar de uma população 4 vezes menor...".

"Estes dados", diz Cerqueira Leite, "por certo ofendem nossos sentimentos patrióticos e nos envergonham, mas seria saudável IGNORÁ-LOS e "panglossianamente" continuarmos a exaltar os nossos propalados "milhares de cientistas"? Não seria talvez mais saudável reconhecermos nossas deficiências e procurarmos corrigi-las?"

Ao terminar as suas palavras, sem dúvida alguma alarmantes, dentre outras Cerqueira Leite cita: "... não é possível inverter a pirâmide. O ENSINO SECUNDÁRIO ESTÁ NA BASE DE TODA FORMAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS..." "Sem tecnologia não há desenvolvimento econômico e social duradouro. Sem ciência não há competência tecnológica. Sem uma formação universitária ADEQUADA não haverá ciência no país. E SEM UM ENSINO

SECUNDÁRIO AMPLO E E-F-I-C-I-E-N-T-E NÃO HAVERÁ JAMAIS UMA FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA SATISFATÓRIA". (são nossos todos os destaques).

Até aí as palavras de Rogério C. Cerqueira Leite.

O que disse por fim, de forma dramática, assim entendemos é apelo para considerações complementares, adicionais.

O Curso Secundário, como temos observado e experimentalmente pessoalmente, sofreu, nos últimos tempos, uma erosão que pode ser considerada espantosa, para o que certa massificação do ensino e do aprendizado sem dúvida alguma contribuiu. Há quantidade, mas por onde anda a QUALIDADE? Com razoável número de exceções, tanto o corpo docente quanto o corpo discente deixam muito a desejar, justamente da perspectiva qualificativa. E neste particular não pode ser omitida a inclusão da falta de exigências (no sentido "ensino" e "aprendizado"), salvo quanto a verdadeira "avalanche de papelada inútil", isto é, uma tremenda burocratização, tanto interna quanto externa.

Achamos que uma medida imperativa, urgente, é a desburocratização!

Sabemos, também por experiência própria através de longos anos, de que, a nível secundário, o exercício do magistério é nada "lucrativo", da perspectiva geral, servindo, a grosso modo, para uma razoável sobrevivência!

Também devemos apontar que, especificamente falando das Ciências (Exatas), estas, no ensino e no aprendizado, estão mais do que eivadas de coisas inúteis, sobressalentes, raramente alcançando a fixação dos mais do que necessários conceitos fundamentais, seja dentro da Matemática, da Química, da Física, da Biologia, etc.

Há urgência de uma "separação do trigo do joio", nos mais diversos sentidos. Há necessidade de dar uma "parada", olhar detidamente em torno e começar a ação, não no sentido de reformas, das quais já houve muitas (inócuas), mas simplificar o que tanto se complicou. Anualmente cresce o número de jovens que desejam um porvir, a realização. Não podemos ficar, da perspectiva científica, na situação em que nos encontramos.

A base, o ensino secundário, deve cuidar, ao máximo, do ensino e do aprendizado das CIÊNCIAS. Não ignoramos as dificuldades que cercam o problema. A sua solução, todavia, não pode, nem sequer, deixada para amanhã!

## LIVRARIA ACADEMICA

AGORA MAIS PERTO DE VOCE

Rua Antônio da Veiga (Perto da FURB) Em novas e modernas instalações.

Blumenau

VISITE-NOS

Santa Catarina

**LIVROS RECOMENDADOS****EDITORA PAZ E TERRA**

**EDUARDO GALEANO — A CANÇÃO DE NOSSA GENTE** — 168 pág. Cr\$ 85,00

O autor nasceu em Montevidéu, setembro de 1940, e já fez de tudo. Em Montevidéu dirigiu um diário e alguns periódicos, sucessivamente fechados pelo superior governo ou credores. A Canção de Nossa Gente, romance ou o que for, foi escrito em sua maior parte na Argentina, durante 73 e 74. Foi premiado pela Casa das Américas em concurso em 75.

**SUSAN GEORGE — O MERCADO DA FOME** (as verdadeiras razões da fome no mundo)

Se o leitor deste livro resolver lê-lo de um só fôlego, vai demorar cerca de seis horas para fazê-lo. Ao terminar a leitura, poderá ter certeza de que, nessas seis horas, duas mil e quinhentas pessoas morreram de fome ou de subnutrição ao redor do mundo.

— 308 pág. Cr\$ 120,00

**EDITORA NOVA FRONTEIRA**

**ARTHUR C. CLARKE — HISTÓRIA DE DEZ MUNDOS** — 192 pág. — Cr\$ 100,00

Um dos seus contos, *Sentinela*, serviu como base para *2001, Uma Odisséia no Espaço*, o filme de ficção científica de maior êxito popular na história do cinema. Dentro da melhor tradição do gênero, Clarke relata histórias em que os mundos se distanciam cada vez mais do berço de seus exploradores. Felizmente, porém, é uma tensão sempre generosamente temperada de humor.

**JACQUES BENOIST MÉCHIN — CLEÓPATRA** — 232 pág. Cr\$ 110,00

O autor, é um especialista em problemas do Oriente. Trata-se da biografia de Cleópatra escrita como se fosse um romance pelo historiador e jornalista J.B.M.

**PHILLIP KNIGHTLEY — A PRIMEIRA VÍTIMA** — 596 pág. — Cr\$ 250,00

Livro sério e original, baseado numa longa série de pesquisas sobre a atuação dos correspondentes de guerra desde que entraram em ação pela primeira vez, em 1854. Não é uma antologia sobre correspondência de guerra; é um estudo sobre os homens que estiveram e escreveram sobre a guerra. O autor é um correspondente especial do Sunday Times, de Londres.

**EDITORA VOZES**

**PE. JOSÉ SCAMPINI, SDB — LIBERDADE** — 288 pág.

Este livro analisa o desenvolvimento do direito da liberdade religiosa nas Constituições brasileiras à luz das últimas conquistas no campo desta doutrina que culminaram com a Declaração Conciliar "Dignitatis Humanae" do Vaticano II. Pode ser considerado um comentário prático à Declaração Conciliar sobre a Liberdade Religiosa.

**JOSÉ FELICIANO FERNANDES PINHEIRO — ANAIS DA PROVÍNCIA DE SÃO PAULO** — 252 pág. Cr\$ 45,00

(Visconde de S. Leopoldo) foi o primeiro a secularizar a História do Brasil. O significado decisivo de sua historiografia esta em procurar fazer a história útil para ilustração de gênero humano. É um belo livro. A obra é animada de bom patriotismo e de nobre espírito liberal. São Leopoldo foi político e escritor.

**MÁRIO L. ERBOLATO — TÉCNICAS DE CODIFICAÇÃO EM JORNALISMO** — 216 pág.

Este livro traz a virtude de ser simples, despretensioso e prático. Sua boa organização temática o torna duplamente significativo: é um instrumento didático útil ao futuro jornalista e um roteiro seguro para os professores da matéria.

**EDITORA AURORA**

**TOLSTOY CLADERCIANO KLEIN — CURSO DE SOCIOLOGIA**

Objetiva este autor expor uma introdução ao estudo da sociologia, apresentando as características das fundações sociológicas modernas. É um livro para vestibulandos, e estudantes; servindo de subsídios para os cursos de educação moral e cívica.

**PROF. JOSÉ RIBEIRO — BRASIL NO FOLCLORE**

Este volume veio com a finalidade de dar ao conhecimento geral as diferentes formas com que os nossos irmãos do norte, do sul e do centro brasileiro prestam invulgar atenção e mantêm as tradições dos nossos antepassados.

**PROF. AMARAL FONTOURA — SOCIOLOGIA EDUCACIONAL**

Livro indispensável aos candidatos ao magistério e útil a todos os que se interessam direta ou indiretamente pelos assuntos educacionais.

**EDITORA ESPIRITUALISTA**

**N. A. MOLINA — FEITIÇOS DE PRETO VELHO**

Livro que procura divulgar e ensinar os rituais da religião Umbandista.

**GÉRSON IGNEZ DE SOUZA E TANCREDO DA SILVA PINTO — NEGRO E BRANCO NA CULTURA RELIGIOSA AFRO — BRASILEIRA — OS EGBÁS**

Livro que trata da etnia iroubana, que formou uma distinta comunidade étnica.

**JOSÉ RIBEIRO — TAMBORES D'ÁFRICA**

Pesquisados pelo autor, este livro se propõe a desvendar os segredos negros.

**EDITORA FORENSE**

**JEFFERSON DALBERT — DIREITO PREVIDENCIÁRIO E ACIDENTÁRIO DO TRABALHO URBANO**

Reestruturado e atualizado, consta ainda esta obra de assuntos como SINPAS — SISTEMA NACIONAL DE PREVIDÊNCIA E ASSISTÊNCIA SOCIAL, na qual foram analisados não só os pontos mais importantes como, e principalmente, as novas autarquias "INAMPS — Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social" e o "IAPAS — Instituto de Administração Financeira da Previdência e Assistência Social", com suas atribuições específicas.

**FÁBIO KONDER COMPARATO — ENSAIOS E PARECERES DE DIREITO EMPRESARIAL**

O presente volume reúne a maior parte dos estudos do autor sobre o direito empresarial dos últimos doze anos. As contradições que o leitor mais atento observar, entre um estudo e outro, resultam da inevitável evolução de pensamento pela qual passou, e pela qual todos nós passamos, bem como da variada gama de situações concretas sobre as quais refletiu.

**E.P.U e EDUSP**

**PETER DALLY E HEATHER HARRINGTON — PSICOLOGIA E PSIQUIATRIA NA ENFERMAGEM**

246 pág. — Cr\$ 170,00

Obra esta, destinada às enfermeiras e aos demais elementos da equipe de saúde. Escrito de maneira concisa, porém extremamente clara e didática, é complementado por um glossário e por uma relação dos medicamentos mais utilizados no tratamento dos distúrbios mentais.

**STASHEFF/BRETZ/GARTLEY/GARTLEY — O PROGRAMA DE TELEVISÃO** — 280 pág. Cr\$ 220,00

É uma obra de consulta indispensável para os profissionais de comunicação, e uma valiosa fonte de informação para todos quantos se interessam pelas atividades de uma estação de televisão.

**EDITORA RIO**

**JEAN-JACQUES ROUSSEAU — DISCURSO SOBRE A ORIGEM E OS FUNDAMENTOS DA DESIGUALDADE ENTRE OS HOMENS.**

Neste trabalho Rousseau, envolvendo-se com grandes pensadores do século XVII e XVIII, examinou, dentro dos limites do conhecimento de sua época, as sociedades selvagens, procurando estabelecer uma cronologia das "etapas da humanidade".

**MARIA APPARECIDA MAMEDE NEVES — O CONCEITO DE SUBLIMAÇÃO NA TEORIA PSICANALÍSTICA**

A obra oferece ao leitor uma descrição suscrita do funcionamento do aparelho psíquico, bem como da revisão do conceito de "instinto" dentro do contexto psicanalístico.

**WASHINGTON DOS SANTOS — SOCIOLOGIA GERAL RESUMIDA**

Trata-se de uma obra didática destinada àqueles que se iniciam no estudo da Sociologia. É um primeiro passo para a compreensão do fato social em suas diversas dimensões e condicionamentos.

**WASHINGTON DOS SANTOS — PSICOLOGIA COMPORTAMENTAL DO ADOLESCENTE**

Este trabalho pretende, através de uma sábia pedagógica

# LIVROS RECOMENDADOS

gia, prevenir as más orientações educacionais, quer de escolas, familiares, que possam determinar uma deformação de ordem psicológica ou moral.

## EDIÇÕES QUIRON

**FÁBIO LUCAS — O CARÁTER SOCIAL DA LITERATURA BRASILEIRA** — 138 pág. Cr\$ 50,00

O presente volume oferece um amplo levantamento da ficção brasileira (romance, conto e novela) e, por extensão, da crítica literária, destes últimos trinta anos. Pretende assim, dar uma visão de nossa cultura, como um processo em curso, projetado no sentido de sua autonomia.

**ILKA BRUNHILDE LAURITO — SAL DO LÍRICO** — 132 pág. — Cr\$ 40,00

Como viver, se a voz não adeja? Esta antologia — um saldo lírico, advém de duas necessidades: primeiro, a de fazer um expurgo e uma revisão de sua produção poética; segundo, a de fazer um esclarecimento aos eventuais leitores — a de desfazer a incômoda sensação de ser considerada inédita.

**MÁRIO CHAMIE — A LINGUAGEM VIRTUAL**

228 pág. — Cr\$ 50,00

Reúne ensaios do autor publicados em órgãos especializados da imprensa. A leitura aqui realizada por Chamie, ultrapassa o significado imediato e aparente da linguagem e procura iluminar "correspondência e correlações nem sempre previsíveis", como diz o próprio autor.

## EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

**GLYMPIO MONAT — PASSEIO DE CAVALO MORTO** — 204 pág. Cr\$ 100,00

Constitui-se este romance numa visão dolorosa de um quadro social, da decomposição dos seus valores, da falência dos seus padrões de comportamento. Denunciando essa sociedade em dissolução, Olympio Monat faz-se censor do seu tempo.

**MARIA JOSÉ DE QUEIROZ — ANO NOVO, VIDA NOVA** — 109 pág. Cr\$ 80,00

É um romance internacional, que transcorre em cenários europeus, tendo a bela Paris como ponto focal. Obra de estilística brilhante, com ela tanto a autora quanto o gênero ganham um valor alto que se imporá, cada vez mais, no plano da ficção brasileira.

**CARLOS HEITOR CONY — BABILÔNIA! BABILÔNIO!** — 236 pág. Cr\$ 100,00

Este livro reúne doze histórias que focalizam diversos aspectos da vida brasileira contemporânea, notadamente a carioca de extração pequena burguesa, contos que se caracterizam por sua visão grotesca, dramática ou trágica da sociedade e das relações humanas.

## EDITORA INTERLIVROS

**RICHARD B. STUART — COMO E QUANDO A PSICOLOGIA FALHA** — 234 pág.

O autor elabora uma crítica bem sucedida a teoria e práticas prejudiciais, com base no acúmulo de evidência de que a neurose é um fenômeno de aprendizagem, e o comportamento esquizofrênico é amplamente aprendido, mesmo se existe uma estrutura biológica para ele.

**MURIEL S. KARLIM E REGINA BERGER — COMO LIDAR COM O ALUNO PROBLEMA** — 222 pág.

Considerando que toda criança que tem problema de disciplina é uma criança em dificuldade, este livro oferece condições de compreendê-la e ajudá-la, dedicando seus capítulos aos principais tipos de crianças problemáticas.

**ANTÔNIO BARRETO, GERALDO REIS, MÁRCIO ALMEIDA, PASCOAL MOTTA, RONALD CLAVER — ANTOLOGIA POÉTICA 2** — 204 pág.

Poetas premiados em Minas, trazem neste livro o objetivo de proporcionar espaços arejados para que o poeta possa respirar em plenitude e caracterizar bem fundo os traços de suas pulsações. Com seleção de poemas feitos pelos próprios autores. Ao leitor permite uma visão segura e ampla da trajetória individual percorrida por estes poetas.

## EDITORA DIFEL

**AUTRAN DOURADO — O RISCO DO BORDADO** — 232 pág.

Neste livro o autor, sublima na narrativa de frase ao mesmo tempo lírico e épica, a força contida, o fascínio encausado, a expectativa não revelada mas absorvente das recordações de um menino no interior de Minas Gerais.

**ADRIANO MOREIRA/ALEJANDRO BUGALLO/CELSO ALBUQUERQUE — LEGADO POLÍTICO DO OCIDENTE** — 544 pág.

As relações entre o Homem e o Estado, na sua dramática trajetória, encontram nesta documentação os quadros de referência essencial. Os estudos introdutórios, que precedem cada um dos temas, permitem ao leitor situar as etapas da evolução e orientam os estudiosos para investigações mais profundas.

## EDITORA ALFA-OMEGA

**CLAUDIO BOJUNGA E FERNANDO PORTELA — FRONTEIRAS (VIAGEM AO BRASIL DESCONHECIDO)** — 230 pág. Cr\$ 95,00

Mostra projetos grandiosos e manobras inquietantes, conflitos diplomáticos, massacres de índios, disputas de terras, brigas por matéria-prima. O livro fala do urânio do Roraima, da vida e da morte dos índios Kaiakang, etc. Neste livro-reportagem, os grandes assuntos estratégicos que figuram nas discussões intermináveis dos geo-políticos sul-americanos são expostos à luz de um jornalismo interpretativo.

**CREMILDA DE ARAÚJO MEDIDA — NOTÍCIA — UM PRODUTO À VENDA** — 194 pág. — Cr\$ 95,00

A autora é redatora do jornal O Estado de São Paulo. O livro, inaugura a série "Jornalismo", da Biblioteca Alfa-Omega de Comunicações e Artes, dedicada à publicação de ensaios especialmente dirigidos às necessidades específicas dos currículos universitários das Escolas de Comunicação.

## EDITORA NOSSO TEMPO

**HELONEIDA STUDART & WILSON CUNHA — A PRIMEIRA VEZ... À BRASILEIRA**

Este é um trabalho jornalístico. Sua maior pretensão é dar uma notícia. A notícia de que as pessoas — inclusive as residentes nos grandes centros urbanos — permanecem desinformadas e reprimidas em relação ao sexo.

## EDITORA ESPLENDOR LTDA.

**ROY EUGENE DAVIS — O HOMEM-MILAGRE DO JAPÃO**

Trata este livro, da vida e obra da Masahaaru Taniguchi, que ensina como ver o "Aspecto Verdadeiro da Vida".

## EDITORA ARTENOVA S. A.

**FRANCISCO IGREJA — SCRIPT**

É um livro de poesia. É o que é poesia, indaga o poeta. Um poeta nas estantes? Dois, trinta poetas. Consciente da marginalização da pessoa do poeta e do seu trabalho, o seu livro diz este autor: Precisamos de um veio editorial eficaz e aberto para todos, de teatro próprio para apresentação de recitais. Depois, sim. Podem deixar, que a poesia terá encontrado seu próprio caminho, seu público. Estará cumprindo seu papel artístico e cultural no país.

**CALCULADORAS CIENTÍFICAS  
E FINANCEIRAS**

**HP-21, HP-22 e HP-25**



**ARTIGOS PARA DESENHO E TOPOGRAFIA**

**COPIAS HELIOGRÁFICAS E XEROX**

**ENGECOP — MATERIAIS TÉCNICOS LTDA.**

**Rua Nerou Ramos, 157 — Fone 22-2296  
Blumenau Santa Catarina**



**MINI MERCADO  
FIAMBRETERIA GLOBO**

**Rua XV de Novembro, 1464  
(em frente ao Banco do Brasil)**

**Fone: 22-5036**

**Blumenau**

**Santa Catarina**

**ENTREGA A DOMICÍLIO**